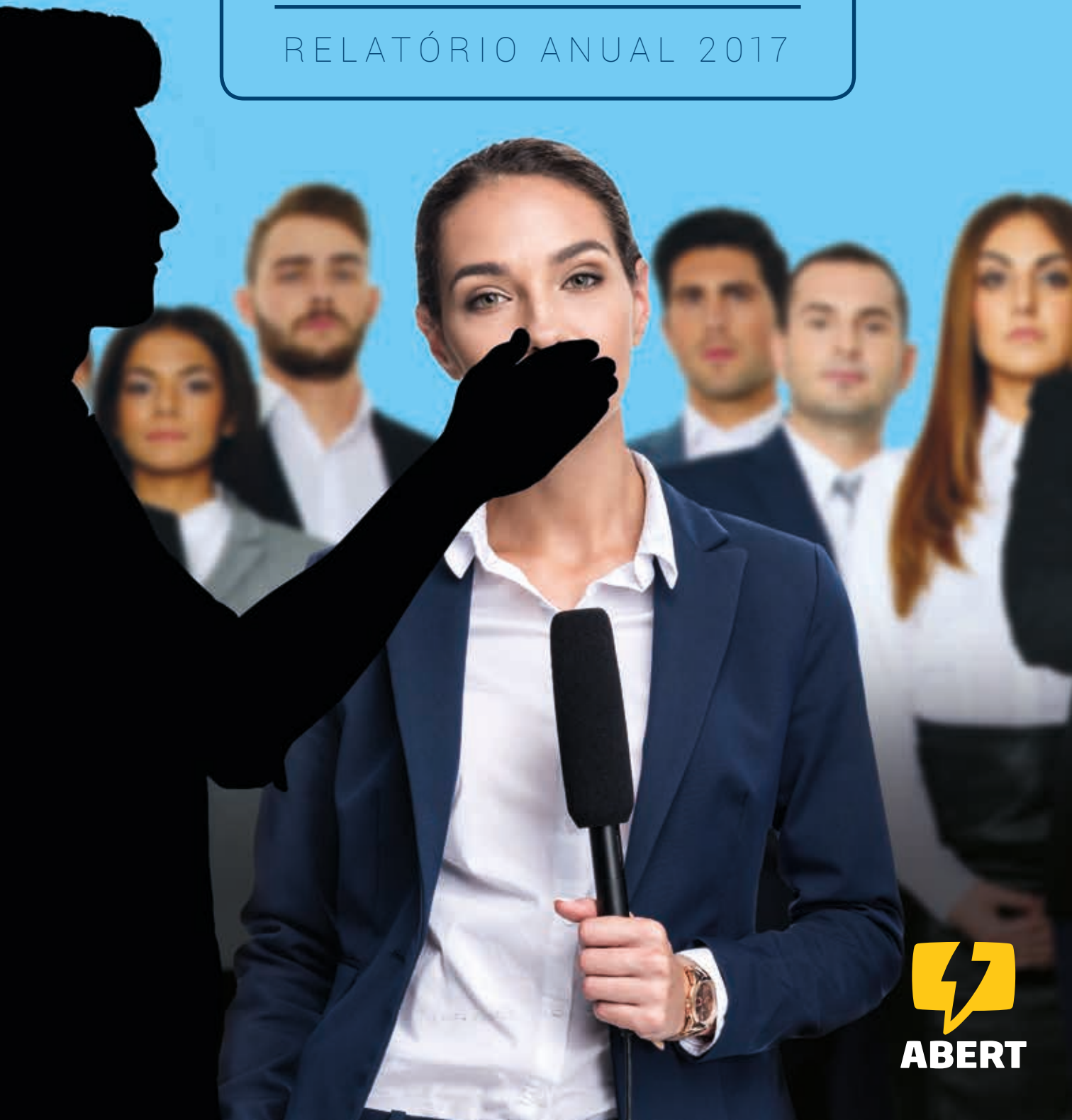


VIOLAÇÕES À **LIBERDADE DE EXPRESSÃO**

RELATÓRIO ANUAL 2017



ABERT

© 2017 ABERT

Realização

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT

Pesquisa

Fernando Dias
Júlia Coêlho
Tainá Farfan

Análise

Cristiano Lobato Flores
Teresa Azevedo

Redação e Edição

Teresa Azevedo

Projeto Gráfico e Editoração

Frisson Comunicação

Qualquer parte desta revista pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: www.abert.org.br

VIOLAÇÕES À
**LIBERDADE DE
EXPRESSÃO**

RELATÓRIO ANUAL 2017



“Nós percebemos
a importância da
nossa voz quando
somos silenciados.”

Malala Yousafzai



SUMÁRIO

PALAVRA DO PRESIDENTE	8
PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA	10
VIOLÊNCIA E LIBERDADE DE IMPRENSA NO MUNDO	14
OS CRIMES CONTRA JORNALISTAS NO BRASIL	20
COMPARAÇÃO COM ANOS ANTERIORES	46
ARTIGOS	48
CASOS DE VIOLÊNCIA - 2017	54

PALAVRA DO PRESIDENTE



Paulo Tonet Camargo
PRESIDENTE DA ABERT

Apesar de 2017 ter sido um ano com menos casos de violações à liberdade de expressão no Brasil, continuamos apresentando um cenário preocupante para o exercício do jornalismo.

As ameaças que resultaram na morte do blogueiro e radialista Luís Gustavo da Silva, no Ceará, mostram o porquê de o Brasil figurar entre os países mais perigosos do mundo para jornalistas nos últimos anos.

Segundo a organização internacional Repórteres sem Fronteiras (RSF), o Brasil se encontra na 103ª posição entre os 180 países que estão no ranking mundial da liberdade de imprensa. Mesmo tendo subido uma posição em relação a 2016, “jornalistas, blogueiros e comunicadores em geral atuam num cenário de grande vulnerabilidade no Brasil, em particular aqueles que trabalham fora dos grandes centros urbanos”, afirma a RSF.

A redução de 52,32% no número de registros de violência não-letal – de 172 casos em 2016 para 82 em 2017 – está diretamente relacionada à diminuição do número de protestos populares, que geralmente vêm acompanhados pela violência policial e de manifestantes, e não à percepção da sociedade e dos agentes públicos de segurança sobre a importância do trabalho da imprensa. Apesar da queda no número de casos, pelo menos 116 profissionais e veículos de comunicação sofreram algum tipo de violência.

Ofensas e intimidações – que deixam de ser apenas presenciais e passam a ser também virtuais – vêm assumindo um novo perfil e colocam em risco a atividade do profissional de imprensa. Como ressalta a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

(Abraji), “políticos, policiais e movimentos autointitulados apartidários usam redes sociais para pregar o ódio contra determinado repórter a milhões de seguidores”.

Outra preocupação é quanto ao crescente número de processos judiciais acatados pelo Poder Judiciário contra profissionais e veículos de comunicação, com destaque para as ações coordenadas que ganham contornos de assédio judicial. As decisões judiciais estão registradas neste Relatório, mas não foram contabilizadas como violência não-letal.

Num dos casos de 2017, a TV Pampa, no Rio Grande do Sul, foi condenada, sem apresentação de defesa, a pagar um alto valor a cada um dos 40 autores da ação, pela opinião de um entrevistado em programa ao vivo. A decisão abre um perigoso precedente que poderá inviabilizar, na prática, qualquer programa de entrevistas ou debates.

Como ressalta manifesto da UNESCO pelo Dia Internacional pelo Fim da Impunidade dos Crimes contra Jornalistas, “a justiça é um dos pilares de uma sociedade livre. Ela desestimula aqueles que ameaçam a liberdade de expressão e encoraja aqueles que a defendem. É por isso que a injustiça contra jornalistas é tão onerosa para todas as sociedades”.

Recorrer à justiça é um direito de todos, mas as iniciativas alinhadas com o intuito de gerar uma enxurrada de processos judiciais demonstram uma explícita violação à liberdade de imprensa e de expressão no Brasil. A ABERT confia na revisão da sentença pelos tribunais superiores, que devolverão à sociedade o direito à informação e à reflexão, garantindo ao brasileiro uma imprensa livre.



PANORAMA DA
VIOLÊNCIA
CONTRA A **IMPREENSA**



JORNALISMO NO BRASIL:

PROFISSÃO CORAGEM

PANORAMA MUNDIAL DA VIOLÊNCIA CONTRA A IMPRENSA

Fazer uma apuração rigorosa e divulgá-la ao público continua sendo uma missão arriscada para o jornalista no Brasil.

Coberturas complexas sobre corrupção e tráfico de drogas, por exemplo, não são apenas um desafio para a imprensa. São também um perigo que coloca em xeque as dificuldades que as autoridades brasileiras têm em enfrentar uma violência que ameaça não apenas indivíduos, mas a própria democracia.

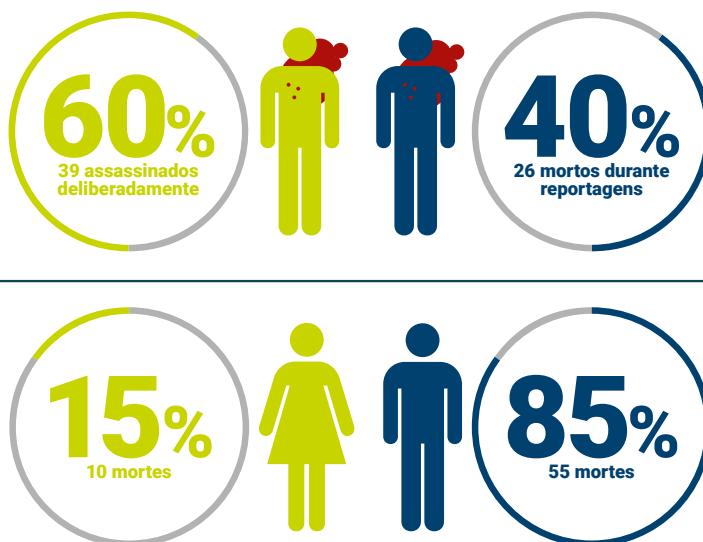
Novamente, a intolerância de quem teme a verdade dos fatos fez mais uma vítima fatal. Em junho, o radialista e blogueiro Luís Gustavo da Silva foi assassinado em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza, com 17 tiros de arma de fogo. No blog De Olho em Aquiraz, Gugu, como era conhecido, fazia denúncias sobre problemas no município e divulgava notícias criminais.

O caso brasileiro faz parte das estatísticas da organização não-governamental internacional Repórteres sem Fronteiras (RSF), que atua na defesa da liberdade de imprensa: nos últimos 15 anos, 1.035 jornalistas foram mortos em todo o mundo enquanto trabalhavam.

Em 2017, considerado pela RSF o menos mortífero em 14 anos, pelo menos 65 profissionais perderam a vida no exercício da atividade, 18% a menos que no ano anterior. Em 60% desses registros, as mortes foram deliberadas, ou seja, as vítimas já eram visadas pelos assassinos, inconformados com as abordagens dadas em publicações e reportagens. Os homens foram maioria e representaram 85% do total, com 55 mortes.

JORNALISTAS ASSASSINADOS NO MUNDO EM 2017

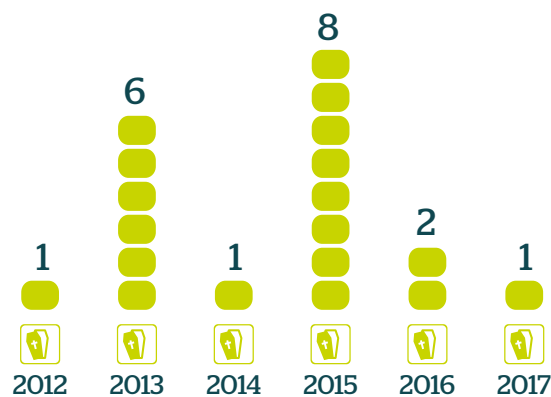
REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS



O único caso fatal brasileiro indica uma redução de 50% em relação a 2016, quando dois jornalistas foram mortos.

2017 foi o segundo ano consecutivo de queda na estatística, elaborada desde 2012 pela ABERT. Ainda assim, a situação é bastante preocupante.

JORNALISTAS ASSASSINADOS NO BRASIL NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO



Fonte: ABERT

“O que torna esses números ainda mais intoleráveis é o fato de que, em mais de nove de cada dez casos, os autores desses crimes não são levados à Justiça”, afirma manifesto da UNESCO, organismo das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, divulgado no Dia Internacional pelo Fim da Impunidade dos Crimes contra Jornalistas.

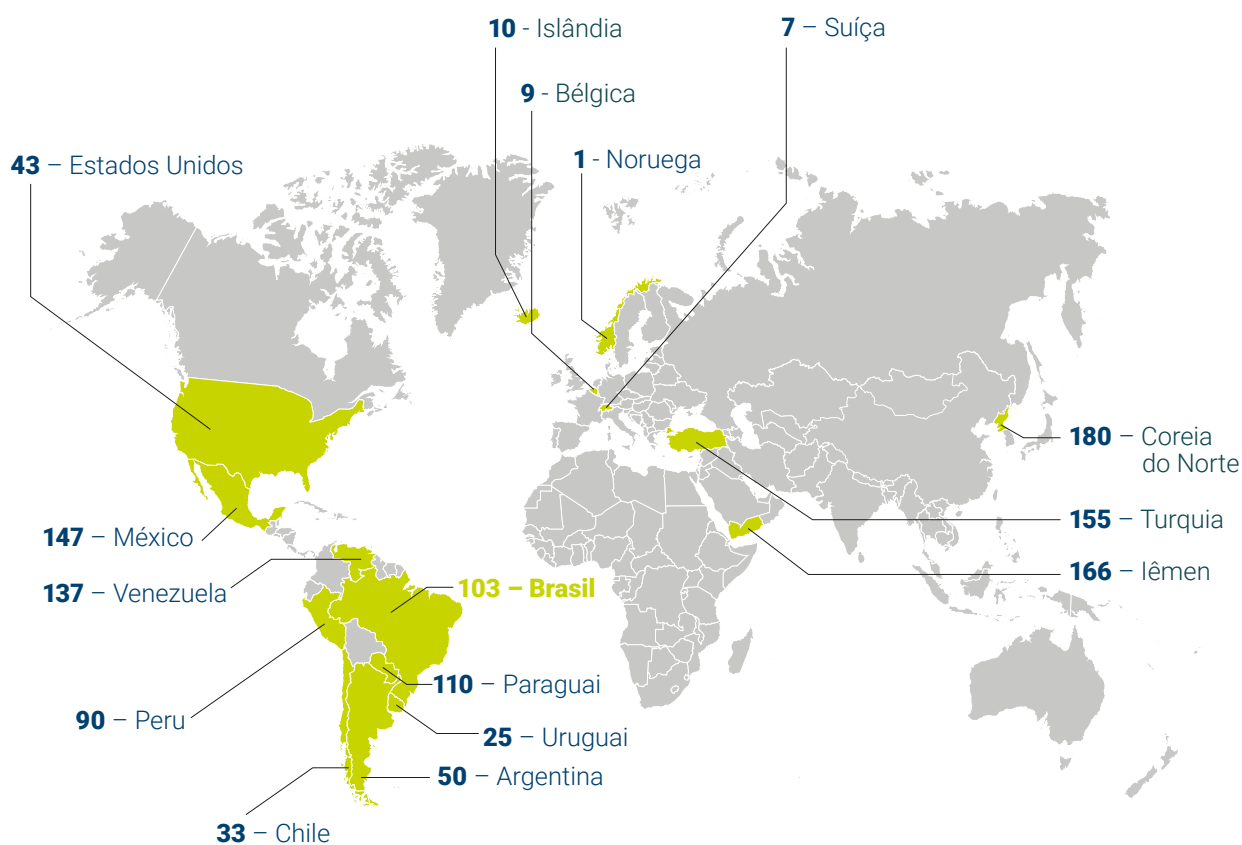
Os países em guerra lideravam o ranking de mortes, mas hoje, os que estão em situação de paz quase se igualam nesta triste estatística. Em 2017, a Síria continuou no topo da lista, com 12 mortes. Desta vez, veio seguida do México, com 11 jornalistas

intencionalmente mortos numa espécie de queima de arquivo. Os outros países que mais matam jornalistas no mundo são Afeganistão (9), Iraque (8) e Filipinas (4). Nas regiões onde as guerras prevalecem, os números podem não parecer expressivos, mas é importante observar que, nesses lugares, houve redução na presença de jornalistas. A imprensa estrangeira, por exemplo, deixou de ser enviada para coberturas em fronts de batalhas. Já no México, a tendência tem sido a desistência da profissão pelo medo de se tornar mais um alvo na crescente tabela de extermínio de comunicadores no país.

LIBERDADE DE IMPrensa NO MUNDO

RANKING - LIBERDADE DE IMPrensa NO MUNDO

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS - 2017 (*)



(*) Foram utilizados dados de 2016 no levantamento.

Já são seis anos seguidos da presença brasileira nas piores posições do ranking sobre liberdade de imprensa no mundo, lançado pela Repórteres sem Fronteiras desde 2002.

No último levantamento, com dados de 2016, mais uma vez, a RSF aponta os principais entraves ao livre exercício do jornalismo no Brasil: ameaças, agressões e assassinatos. Nosso país, tão democrático em alguns aspectos, insiste em figurar entre os mais violentos da América Latina para a prática do jornalismo. Mesmo com uma tímida recuperação, que fez o Brasil passar da 104ª posição em 2016, para a 103ª em 2017, a RSF afirma que não há motivos para comemoração.

A falta de uma política de proteção a repórteres ameaçados, a impunidade e a instabilidade política causada pós-impeachment da presidente Dilma Rousseff, são apontados como os principais fatores que tornaram o dever dos comunicadores brasileiros de informar ainda mais arriscado.

Estamos 53 posições abaixo da vizinha Argentina. Quando a comparação é com o Chile e o Uruguai, a situação brasileira é ainda mais vergonhosa. Países como o Quênia e o Líbano ainda estão mais bem colocados nessa relação.

Para o diretor para América Latina da RSF, Emmanuel Colombié, “jornalistas, blogueiros e comunicadores em geral atuam num cenário de grande vulnerabilidade no Brasil”. Ele destaca particularmente os profissionais que trabalham fora dos grandes centros urbanos e que se sujeitam “a pressões econômicas e políticas que se manifestam com frequência em casos de intimidações e processos judiciais abusivos”.

O ranking, feito com base em informações de 180 países sobre o grau de liberdade dos jornalistas, leva em conta uma série de indicadores que vão desde o pluralismo e a independência das mídias, ao ambiente, à autocensura, à transparência e aos abusos praticados contra os comunicadores.

BRASIL: UM DOS MAIS IMPUNES DO MUNDO

Os resultados variam de acordo com a metodologia usada pela entidade internacional. Os dados do Comitê para Proteção dos Jornalistas (CPJ), ONG que promove a liberdade de imprensa no mundo, também chamam a atenção: os assassinatos estão em pelo menos 66% das mortes associadas ao exercício da profissão.

Há dez anos, a organização elabora o Índice Global de Impunidade e revela que, desde o lançamento, sete países insistem em permanecer na lista dos que possuem mais crimes sem solução. O Brasil, infelizmente, não conseguiu escapar deste ranking. Está em oitavo lugar na lista, com 15 jornalistas assassinados sem que os autores fossem punidos. Na maioria das vezes, os responsáveis foram funcionários do governo e grupos criminosos, inconformados com profissionais que denunciam a corrupção e a relação crime x política. Também para a CPJ, em muitas situações, esses alvos de assassinatos relatavam notícias fora das grandes cidades.

Nesta estatística nada positiva, novamente, o Brasil se iguala em termos de violência e impunidade a países em guerra ou com grande vulnerabilidade: Síria, Iraque e Somália - pior país em assassinatos não resolvidos dos últimos três levantamentos .

Para o CPJ, em países como Filipinas, México, Brasil, Rússia e Índia, considerados grandes democracias, a impunidade é grande. No Brasil, ao longo da última década, os dados apontam que houve um aumento de 177% no índice de impunidade.

O levantamento do CPJ destaca também que 93% das vítimas são repórteres locais. Em pelo menos 40% dos casos, os jornalistas assassinados já haviam recebido ameaças, o que ressalta cada vez mais a necessidade de mecanismos de proteção à categoria. O que mais chama a atenção, no entanto, é o grau de impunidade: apenas 4% dos assassinatos acabaram com os autores julgados, uma prova, neste caso, de que o crime compensa.

ÍNDICE GLOBAL DE IMPUNIDADE

JORNALISTAS MORTOS x AUTORES IMPUNES

	1 - Somália	26 jornalistas mortos
	2 - Síria	17 jornalistas mortos
	3 - Iraque	34 jornalistas mortos
	4 - Sudão do Sul	5 jornalistas mortos
	5 - Filipinas	42 jornalistas mortos
	6 - México	21 jornalistas mortos
	7 - Paquistão	21 jornalistas mortos
	8 - Brasil	15 jornalistas mortos
	9 - Rússia	9 jornalistas mortos
	10 - Bangladesh	7 jornalistas mortos
	11 - Nigéria	5 jornalistas mortos
	12 - Índia	13 jornalistas mortos

* A metodologia usada pelo CPJ leva em conta apenas os países que tiveram cinco ou mais casos de mortes não resolvidos como uma porcentagem da população de casa país. O CPJ examinou para esta listagem os homicídios ocorridos entre 1º de setembro de 2007 e 31 de agosto de 2017, ainda não solucionados.

BRASIL:

VIOLAÇÕES À LIBERDADE DE IMPRENSA E DE EXPRESSÃO EM 2017

Em 2017, a ABERT registrou um assassinato de comunicador e mais 82 casos de violência não-lethal, que envolveram pelo menos 116 profissionais e veículos de comunicação.

As agressões físicas, que vão desde empurrões, socos e pontapés a disparos de arma de fogo e balas de borracha, representaram 42,68% dos casos. Os profissionais de TV do sexo masculino foram as maiores vítimas e os ocupantes de cargos públicos, os principais agressores.

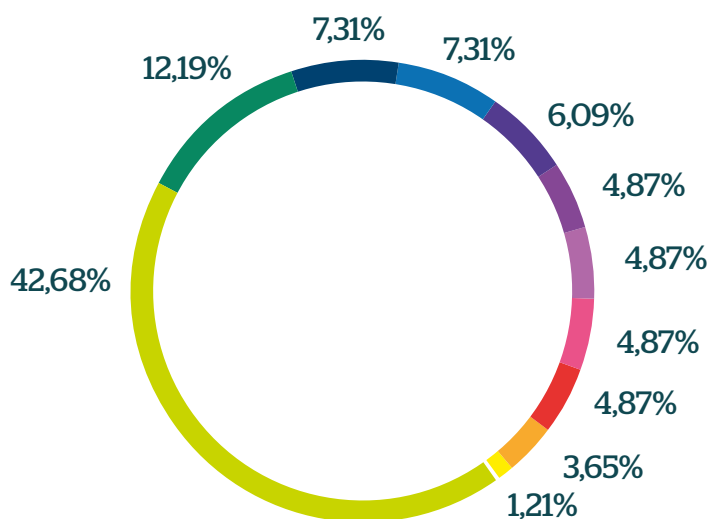
As ameaças, presenciais ou virtuais, aparecem em seguida, com 12,19%.

Na sequência estão os outros tipos de violação à liberdade de imprensa e de expressão no Brasil, todos detalhados neste levantamento.

Apesar de não estarem contabilizadas dentro dos tipos de violência não-lethal, o Relatório da ABERT traz ainda as decisões judiciais que envolveram profissionais e veículos de comunicação em 2017.

CASOS DE VIOLAÇÕES À LIBERDADE DE IMPRENSA E DE EXPRESSÃO NO BRASIL – 2017

1 assassinato + 82 casos de violência não-letal, envolvendo pelo menos 116 profissionais e veículos de comunicação:



Agressões
35 casos, 59 vítimas

Ameaças
10 casos, 12 vítimas

Censura
6 casos, pelo menos 7 vítimas

Ofensas na internet
6 casos, 6 vítimas

Detenções
5 casos, 6 vítimas

Intimidações
4 casos, pelo menos 6 vítimas

Roubos/furtos
4 casos, pelo menos 8 vítimas

Ofensas
4 casos, 4 vítimas

Ataques/vandalismo
4 casos, 4 vítimas

Atentados
3 casos, 3 vítimas

Assédio sexual
1 caso, 1 vítima



OS CRIMES CONTRA
JORNALISTAS

NO BRASIL





ASSASSINATOS

Dezessete disparos de arma de fogo calaram para sempre o blogueiro independente e radialista **Luís Gustavo da Silva**, o Gugu, de 26 anos. Ele chegava em casa de motocicleta, na cidade de Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza (CE), quando dois homens armados mandaram a companheira dele se afastar, atiraram na cabeça e no peito de Gugu, e fugiram.

O inquérito policial ainda não foi concluído, mas de acordo com o delegado Rômulo Américo Lessa, que acompanha o caso, antes do assassinato, o blogueiro já havia recebido ameaças de pessoas envolvidas com a criminalidade.

No blog "De Olho em Aquiraz", ele divulgava notícias da região, em especial sobre ocorrências criminais. Segundo testemunhas, Gugu costumava comparecer aos locais do crime e, apenas duas horas antes da execução, havia publicado informações sobre detalhes da morte de um adolescente de 17 anos e sobre a prisão de um grupo que seria ligado a uma das facções criminosas que atuam no Ceará.

A execução a tiros do blogueiro cearense foi o único caso de assassinato registrado em 2017 e está contabilizado em levantamento da organização internacional Repórteres sem Fronteiras (RSF), que coloca o Brasil na 103ª posição, entre 180 países, no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa.

Em 2016, dois comunicadores brasileiros foram mortos da mesma forma, por informações e denúncias divulgadas pelos profissionais.

Apesar da redução nos casos fatais, a situação brasileira continua longe de satisfatória. "É uma vergonha para um país como o Brasil, que deveria se colocar numa posição bem melhor. Houve melhora de uma posição em relação a 2016 e consideramos que isso não é digno de uma democracia como o Brasil", afirma Emmanuel Colombié, diretor regional para a América Latina da Repórteres sem Fronteiras.







CASOS

1

Vítimas

1

PERFIL DOS ASSASSINATOS

	Região	Nordeste	1 (CE)
	Sexo	Homem	1
	Área de atuação	Polícia	1
	Veículo	Blog/Rádio	1
	Morte	Baleados	1
	Autor	Desconhecido	1



ATENTADOS

Três jornalistas foram alvos de atentados que poderiam terminar em morte. Apesar da queda de 50% em relação aos registros de 2016, o número não pode ser desprezado. Depois do assassinato, o atentado é a forma mais ousada de violência contra um profissional da imprensa. Ele vem acompanhado de intimidação e ameaça.

No caso mais grave ocorrido em 2017, o repórter do jornal digital Verbo Online, **Gabriel Barbosa da Silva**, foi vítima de um acidente proposital na

rodovia Régis Bittencourt (SP) e, na sequência, alvo de tiros. Após atingir a motocicleta dirigida pelo repórter com um carro, um dos passageiros efetuou três disparos contra o jornalista. Gabriel saiu ileso do atentado. Pelas redes sociais, a ameaça a Gabriel foi ainda mais clara: “os próximos tiros vão ser na cara para deixar de ser falador”.

Nos três casos, os jornalistas são conhecidos pela cobertura de política local.

CASOS

3

Vítimas

3

PERFIL DOS ATENTADOS

	Região	Sudeste	3 (SP)
	Sexo	Homem	3
	Cobertura	Política	3
	Veículo	Jornal Jornal Digital/Blog	1 2
	Autor	Desconhecido	3



AGRESSÕES

Passar da posição de noticiador à de notícia tem virado rotina na vida dos profissionais de comunicação. As agressões físicas contra repórteres, cinegrafistas e fotógrafos estão no dia a dia de quem tem como missão informar a sociedade sobre assuntos de interesse público, e são a forma mais comum de violência não-letal registrada contra esses profissionais. Em 2017, foram 35 casos, envolvendo pelo menos 59 jornalistas, uma redução de 47,76% em relação aos casos de 2016.

Apesar de 2017 não ter sido marcado por tantas manifestações populares como em anos anteriores, os protestos convocados por centrais sindicais chamaram a atenção pela truculência e vandalismo. De um lado das ruas estavam brasileiros contrários às propostas reformistas, tidas como impopulares. De outro, policiais que deveriam garantir a segurança e a ordem, mas que, mais uma vez, mostraram despreparo nas ações e no trato com a imprensa.

Mas o que mais chamou a atenção em 2017 foram as agressões por parte de políticos e ocupantes de cargos públicos. Pelo menos 19 profissionais foram vítimas desses agressores (32,2%) enquanto faziam coberturas jornalísticas. Em seguida vieram as agressões de populares e parentes dos alvos das reportagens. Onze jornalistas (18,64%) sofreram desde empurrões a tapas, socos e pontapés. As agressões de policiais militares atingiram 9 jornalistas (15,25%).

Mesmo identificados como imprensa, os jornalistas são, constantemente, impedidos de continuar trabalhando.

Foi o que aconteceu no final de 2017, com um repórter da TV Bandeirantes, que teve o microfone arrancado das mãos por uma procuradora

jurídica da Câmara de Vereadores de Uberlândia (MG), ao ser questionada sobre aumento salarial aprovado pelos próprios políticos.

Em outro caso de intolerância, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, pelo menos quatro jornalistas sofreram ataques enquanto trabalhavam. O fotógrafo **André Coelho**, de O Globo, foi chutado por um policial militar. A violência continuou com um tiro para o chão, numa intimidação ao profissional que registrou a ação de PMs disparando contra manifestantes. Toda a agressão foi captada pelo fotógrafo **Joedson Alves**, da Agência EFE, que também foi perseguido por um PM que deu um tapa na câmera usada no flagrante.

Já no Rio de Janeiro, um repórter e um fotógrafo do jornal O Globo foram atingidos por balas de borracha disparadas por policiais militares em frente à Assembleia Legislativa, enquanto acompanhavam as manifestações contra a revogação das prisões de três deputados acusados de receber propina. Toda a cena foi gravada.

Em 50,84% dos casos, os ataques foram contra profissionais de TV do sexo masculino, que tiveram equipamentos tomados e, em muitos casos, danificados ou destruídos. Na sequência, vieram os profissionais de jornal (28,81%), e de agência de notícias/blog (11,86%).

A intolerância e o desconhecimento sobre o real papel da imprensa também foram observados em transmissões ao vivo. Pelo menos dois casos foram registrados: um, em Minas Gerais, com uma repórter da TV Globo derrubada no chão enquanto falava sobre a superlotação carcerária em um presídio do estado, e outro, em São Paulo, com uma jornalista do SBT apedrejada ao noticiar uma chacina

CASOS

35

Vítimas

59

PERFIL DAS AGRESSÕES

	Região	Sudeste	15 (SP 6, MG 3, ES 3 e RJ 3)
		Sul	8 (PR 4, RS 3 e SC)
		Nordeste	7 (AL 3, SE 2, BA e MA)
		Centro-Oeste	3 (DF)
		Norte	2 (AM e PA)
	Sexo	Homens	46
		Mulheres	13
	Coberturas	Policial	9
		Protesto	8
		Cidades	8
		Política	6
		Esporte	4
	Veículo	TV	30
		Jornal	17
		Agência	7
		Rádio	4
		Freelancer	1
	Tipo*	Empurrão/soco/pontapé/outros	51
		Disparo de arma de fogo	2
		Disparo de bala de borracha	2
		Estilhaço de vidro	1
		Barra de ferro	1
		Spray de pimenta	1
		Pedrada	1
	Autores	Políticos ou ocupantes de cargos públicos	19
		Populares/parentes	11
		Policiais militares	9
		Manifestantes	8
		Agentes de segurança	5
		Torcedores	3
		Desconhecidos	2
		Outros	2

(*) Em alguns casos, mais de uma pessoa foi agredida e de mais de uma forma.



AMEAÇAS

As ameaças são o segundo tipo mais comum de violência não-letal contra os profissionais da imprensa. Perdem apenas para as agressões físicas. Chegam de várias formas – presenciais ou pelas redes sociais, e-mails e aplicativos – e devem ser vistas com muita atenção.

Em 2017, 10 casos foram registrados, com pelo menos 12 vítimas. Em muitas situações, o conteúdo não é claro, e a vítima não denuncia a ameaça por não levá-la a sério. Em outras, têm autores ousados.

Foi o caso do colunista da Folha de S.Paulo e apresentador da TV Gazeta, **Fernando Oliveira**, o Fefito. Por e-mail, ele sofreu ameaças homofóbicas. Foi xingado e ameaçado de morte por ser homossexual. No texto, o agressor declarou saber a rotina do jornalista e afirmou que “descarregaria” tiros de 38 contra o comunicador.

A região Sudeste concentrou metade dos casos. Profissionais de sites (41,66%) e de rádio (25%), do sexo masculino, foram os principais alvos das ameaças de morte e de agressão física. Políticos e ocupantes de cargos públicos foram os principais autores das ameaças (33,33%).

CASOS

10

Vítimas

12

PERFIL DAS AMEAÇAS

	Região	Sudeste	5 (SP 2, MG 2 e RJ)
		Centro-Oeste	3 (GO 2 e MT)
		Sul	1 (PR)
		Nordeste	1 (CE)
	Sexo	Homens	10
		Mulheres	2
	Área de atuação	Esportes	3
		Política	3
		Cidades	2
		Polícia	1
		Outros	1
	Veículo*	Site	5
		Rádio	3
		Jornal	2
		TV	2
	Tipo	Morte	5
		Agressão física	5
		Prisão	2
	Autores	Políticos ou ocupantes de cargos públicos	4
		Torcedores	3
		Policiais/agentes de segurança	2
		Jogador de futebol	1
		Liderança religiosa	1
		Não identificado	1

(*) Em alguns casos, o alvo das ameaças trabalhava em mais de um veículo de comunicação



INTIMIDAÇÕES

Calcular o número de jornalistas que sofrem algum tipo de intimidação enquanto estão trabalhando é praticamente impossível. Os casos de constrangimento, muitas vezes, não são relatados. A missão de informar acaba prevalecendo e a intimidação se torna um episódio menor.

Ao contrário do que aconteceu no ano anterior, quando houve o registro de 17 casos envolvendo pelo menos 22 profissionais, em 2017, as intimidações quase não foram relatadas. Em 4

situações, pelo menos 6 jornalistas foram intimidados, uma redução de 76,47%.

Com o objetivo de impedir ou dificultar o trabalho da imprensa, militantes petistas abordaram uma equipe de TV aos gritos de “imprensa golpista” e “imprensa assassina”, durante reportagem sobre o velório da ex-primeira-dama Marisa Letícia. A equipe ainda foi expulsa do local. Outro caso que chama a atenção foi a perseguição a um carro de reportagem.

CASOS

4

Vítimas

6 (pelo menos)

PERFIL DAS INTIMIDAÇÕES

	Região	Sudeste	2 (SP e RJ)
		Nordeste	2 (CE)
	Sexo	Homens	3
		Mulheres	2
		Não especificado	1
	Veículos	TV	2
		Rádio	1
		Jornal	1
	Cobertura	Política	2
		Polícia	1
		Cidades	1
	Tipo	Xingamento	1
		Perseguição	1
		Intimação	1
		Impedir trabalho	1
	Autores	Ocupantes de cargos públicos	2
		Militantes partidários	1
		Policiais	1



ATAQUES/ VANDALISMO

Nos casos de ataques e vandalismo contra veículos de comunicação registrados em 2017, algumas semelhanças: os autores agiram em bando e a população foi a maior prejudicada, com a interrupção do trabalho jornalístico.

Em São Paulo, índios Guarani desligaram antenas de TV e celular, num protesto contra a redução de uma área indígena no Pico do Jaraguá. Mais de 600 mil pessoas ficaram sem sinal.

Já em São Luís (MA), um grupo armado com facas e pedras invadiu o terreno da Rádio Capital AM 1180 e derrubou a torre de transmissão. Os atos de vandalismo continuaram com a

destruição da parte elétrica e com o incêndio da estrutura. Após a invasão, os autores, não identificados, ainda construíram barracos na área.

Um incêndio – o segundo no período de um ano – destruiu completamente a Rádio Beira Rio FM, em Edealina (GO). A polícia trabalha com a hipótese de o incêndio ser criminoso e ter motivação política.

Tiros na madrugada atingiram a sede da Rede Gazeta em Vitória (ES), onde funcionam jornal, rádio e TV. Tudo aconteceu durante a greve de policiais militares que levou caos e insegurança à cidade por três semanas.

CASOS

4

Vítimas

4

PERFIL DOS ATAQUES/ VANDALISMO

	Região	Sudeste	2 (SP e ES)
		Nordeste	1 (MA)
		Centro-Oeste	1 (GO)
	Cobertura	Geral	4
	Tipo de alvos	Torre de TV	1
		Torre de transmissão de rádio	1
		Sede de emissora	2
	Tipo de ataques*	Transmissão interrompida	2
		Invasão de sede	1
		Tiro	1
		Incêndio	1
	Veículo	TV	1
		Rádio	2
		Jornal	1
	Autores	Índios Guarani	1
		Não identificados	3

(*) Em alguns casos, houve mais de um tipo de ataque.



OFENSAS

Os xingamentos e ofensas pessoais a comunicadores, em 2017, aconteceram até mesmo fora de cobertura jornalística. Em menos de duas semanas, dois casos bem semelhantes: militantes partidários hostilizaram jornalistas que embarcavam no Aeroporto Internacional de Brasília e, durante todo o voo, as provocações verbais continuaram.

No início de junho, a jornalista e comentarista da TV Globo, **Miriam Leitão**, foi hostilizada por quase duas horas, tempo do trajeto até o Rio de Janeiro, onde iria trabalhar. Leitão foi constantemente chamada de “terrorista” e chegou a ser ameaçada pelos representantes partidários. Muitos passaram pelo corredor do avião empurrando a poltrona ocupada pela jornalista.

Menos de 15 dias depois, foi a vez do também jornalista e comentarista da TV Globo, **Alexandre Garcia**, ser ofendido por um militante de

esquerda, quando seguia para Belo Horizonte (MG). Garcia foi chamado de “golpista” e “apoiador da ditadura”. Durante as agressões, o autor dos xingamentos ainda perguntou se haveria “Mimimiriam Leitão”, numa referência ao caso da colega do comentarista, cuja repercussão foi grande na mídia.

Os jornalistas se mantiveram calados, sem revistar aos ataques.

Nos outros dois casos, as agressões verbais, além de desrespeitosas, continham palavras de baixo calão. O jornalista **Rubens Valente**, da Folha de S. Paulo, foi xingado, durante entrevista, pelo presidente Jair Bolsonaro (PSC-RJ). Também **Evilásio Bezerra**, do jornal O Povo, foi xingado e insultado por fiscal da Prefeitura de Fortaleza (CE).

Em relação a 2016, as ofensas tiveram uma queda de 76,47%.

CASOS

4

Vítimas

4

PERFIL DAS OFENSAS

	Região	Centro-Oeste	2 (DF)
		Nordeste	1 (CE)
		Sudeste	1 (SP)
	Sexo	Homens	3
		Mulheres	1
	Cobertura	Não houve	-
	Veículo	TV	2
		Jornal	2
	Tipo	Xingamentos e ofensas pessoais	4
	Autores	Militantes partidários	2
		Político	1
		Ocupante de cargo público	1



OFENSAS NA INTERNET

As ofensas não estão restritas ao mundo real. Presentes na internet, vêm carregadas de ódio e difamação. Os autores foram desde políticos até os chamados “haters”, apontados como os grandes responsáveis pela disseminação de conteúdos hostis envolvendo a imprensa.

Eles praticam o “bullying virtual” ou “cyber bullying”, fazendo com que tudo o que cai na rede seja imediatamente compartilhado e comentado.

Em 2017, os jornalistas políticos e econômicos foram o principal alvo das ofensas pela internet. As mulheres foram as mais vulneráveis. Sofreram não só ataques e críticas, como tiveram o trabalho depreciado.

Após ser criticado pela colunista de O Globo, **Miriam Leitão**, o pré-candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, usou a conta do Twitter para atacar a jornalista. Bolsonaro escreveu que Leitão fazia “jus ao nome” e que o lugar da comunicadora era no “chiqueiro da história”.

CASOS

6

Vítimas

6

PERFIL DAS OFENSAS NA INTERNET

	Sexo	Homens	3
		Mulheres	3
	Cobertura	Política/Econômica	3
		Policial	2
		Manifestação	1
	Veículo	Rádio	2
		Jornal	2
		Revista	1
		Site	1
	Tipo	Xingamentos e ofensas pessoais	6
	Autores	Políticos	2
		Polícia Militar	1
		Militantes partidários	1
		Liderança religiosa	1
		Hater	1



ROUBOS E FURTOS

A imprensa também é vítima de criminosos que agem enquanto os jornalistas estão em plena atividade profissional. Nos roubos e furtos relatados, os objetos mais visados foram os celulares.

Num dos casos, o bandido aproveitou a entrada ao vivo de uma repórter de rádio para arrancar das mãos dela um dos celulares usados na transmissão. Os ouvintes perceberam que a repórter acabara de ser roubada. O susto foi tão grande que a jornalista não conseguiu completar as informações que passava.

O número de casos em 2017 se igualou ao do ano anterior: foram quatro registros; em alguns, houve mais de uma vítima.

Em Blumenau (SC), bandidos levaram cobre e equipamentos jornalísticos, deixando pelo menos quatro rádios fora do ar.






CASOS

4

Vítimas

8 (pelo menos)

PERFIL DOS ROUBOS E FURTOS

	Região	Sudeste Nordeste Sul	2 (RJ e SP) 1 (PE) 1 (SC)
	Sexo	Homens Mulheres	2 2
	Cobertura	Não especificada Carnaval Geral	2 1 1
	Veículo	TV Rádio	3 5
	Autores	Não identificados	4



ASSÉDIO SEXUAL

O assédio sexual continua presente no jornalismo.

Da mesma forma que no ano anterior, em 2017, uma mulher não escapou desse tipo de crime.

Em agosto, a repórter da Rádio CBN, **Basília Rodrigues**, foi vítima de assédios sexual e moral, cometidos pelo deputado Wladimir Costa (SD-PA). Após a imprensa divulgar que o deputado, aliado do presidente Michel Temer, tinha uma tatuagem no ombro com o nome de Temer, a jornalista pediu que Costa mostrasse o desenho. O deputado respondeu que para ela só mostraria se fosse “o corpo todo”.

Diante do constrangimento, Basília pediu respeito por ser repórter e mulher. Sem receber qualquer pedido de desculpas, a jornalista publicou, em seu perfil na rede social, um desabafo intitulado “um ensaio sobre a idiotice”. O texto causou a revolta do parlamentar. Dias depois, ele usou as redes sociais e divulgou fotos pessoais não autorizadas de Basília.

O caso repercutiu na Câmara dos Deputados, que abriu processo contra Wladimir Costa no Conselho de Ética por quebra de decoro parlamentar.

CASOS

1

Vítimas

1

PERFIL DO ASSÉDIO SEXUAL

	Região	Centro-Oeste	1 (DF)
	Sexo	Mulheres	1
	Cobertura	Política	1
	Veículo	Rádio	1
	Autor	Político	1



CENSURA

Em 2017, os principais cerceadores do direito de informar foram os profissionais que lidam diariamente com a imprensa.

No Rio de Janeiro, por exemplo, assessores de imprensa proibiram um repórter esportivo de fazer perguntas durante uma entrevista coletiva do Flamengo, por representar um jornal que criticou a atuação do goleiro do time.

Já a postura do chefe de gabinete da Prefeitura de São Paulo de dificultar o acesso a informações públicas prejudicou o trabalho de

muitos jornalistas. Numa gravação divulgada pela imprensa, Lucas Tavares afirma que a demora nas respostas faria com que os jornalistas desistissem de veicular reportagens que comprometessem o governo municipal.

A expulsão do local onde deveria ser feita a cobertura jornalística e o confisco de câmeras ou celulares continuam sendo os tipos de censura mais comuns.

Em 2017, os casos de censura caíram pela metade, de 12 para 6.

CASOS

6

Vítimas

7 (pelo menos)

PERFIL DA CENSURA

	Região	Sudeste	4 (SP 2 e RJ 2)
		Centro-Oeste	2 (DF)
	Sexo	Homens	4
		Mulheres	1
		Não identificado	1
	Cobertura	Esportes	2
		Política	1
		Protestos	1
		Cidades	1
		Polícia	1
	Veículo	Jornal	3
		TV	2
		Rádio	1
		Não especificado	1
	Tipo	Expulsão/ proibição de cobertura	3
		Imagens deletadas	1
		Dificultar acesso à informação	1
		Rede social bloqueada	1
	Censores	Assessores de imprensa	2
		Policiais / agentes de segurança	2
		Juiz	1
		Rede social	1



DETENÇÕES

O registro de imagens de ações policiais levou à detenção de três jornalistas em 2017. Até mesmo as imagens de uma confusão envolvendo um soldado foram motivo de mais uma detenção. Oficialmente, constam como justificativa para a interrupção do trabalho jornalístico, desde o desacato e desobediência à autoridade, até a participação em atos de vandalismo.

Mas o caso que mais chamou a atenção foi com o blogueiro **Eduardo Guimarães**, detido em casa

e levado coercitivamente para depor na Superintendência da Polícia Federal, em São Paulo. Editor do Blog da Cidadania, Guimarães teve os celulares e os computadores apreendidos, após denunciar o suposto vazamento a jornalistas, por parte da PF, da condução coercitiva do ex-presidente Lula.

No total, 6 profissionais do sexo masculino foram detidos.

CASOS

5

Vítimas

6

PERFIL DAS DETENÇÕES

	Região	Sudeste Centro-Oeste	4 (SP 3 e ES) 1 (MS)
	Sexo	Homens Mulheres	6 -
	Cobertura	Policial Política Protestos Cidades	2 1 1 1
	Veículo	Jornal Blog / site Freelancer	2 2 2
	Tipo de Acusação	Vazamento de informação Vandalismo Desobediência Desacato Não definido	1 1 1 1 1
	Autores	Policiais militares Policial federal Guarda municipal	3 1 1

(*) Em alguns casos, houve mais de uma vítima.



DECISÕES JUDICIAIS

A justiça continua sendo um dos recursos mais usados como forma de intimidar o trabalho da imprensa.

Relatório do projeto CTRL+X, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), revela um dado preocupante: dois em cada três pedidos para retirar informações do ar são atendidos pelo Poder Judiciário. O mapeamento, feito com base em 3.005 ações, mostra ainda que, em 60% dos casos, os políticos são os autores de processos.

Em 2017, a ABERT computou 20 decisões judiciais envolvendo profissionais e veículos de comunicação, um crescimento de 11,11% em relação aos casos de 2016. Em cinco decisões, a justiça determinou a proibição ou retirada de matérias do ar (25%).

Seis decisões de pagamento de indenizações por danos morais coletivos representaram 30% dos casos. Em quase todos os processos, os autores saíram vitoriosos. As empresas de comunicação e jornalistas processados tiveram perdas não apenas materiais, com o pagamento de indenizações, mas, principalmente, viram o jornalismo sendo colocado em xeque.

Em novembro, a TV Pampa, no Rio Grande do Sul, foi condenada a pagar solidariamente R\$ 12 mil por danos morais a cada um dos 40 professores que processaram a emissora e um entrevistado. Ao vivo, o convidado, que participava de um programa de debates, chamou os docentes de “débeis mentais”. A condenação veio sem que fosse avaliada a existência de culpa do veículo de comunicação.

A decisão abre um perigoso precedente para que qualquer programa de entrevistas ou debates ao vivo fique inviabilizado.

Recorrer à justiça é um direito de todos, mas as ações coordenadas ganham contornos de assédio judicial, além de demonstrarem uma explícita violação à liberdade de imprensa e de expressão. Demonstram ainda falta de conhecimento sobre o real papel da imprensa. A ABERT acredita que tais ações serão revisadas pelos tribunais superiores.

Foi o que aconteceu em setembro de 2017. Uma decisão do ministro do STF, Edson Facchin, corrigiu os abusos de uma liminar acatada pela justiça do Piauí, que proibiu veículos de comunicação locais de publicar reportagens que citassem uma construtora e o proprietário dela, sob investigação do Tribunal de Contas do Estado. Facchin exigiu ainda que a juíza Lygia Carvalho Sampaio enviasse explicações sobre a decisão ao STF.

Outra preocupação está relacionada à quebra do sigilo da fonte. Em maio, o STF tornou públicas as conversas gravadas entre o jornalista Reinaldo Azevedo e Andréa Neves, irmã do senador Aécio Neves, durante investigação da Lava-Jato, pela PF. O sigilo da fonte é um direito que está assegurado na Constituição Federal ao jornalista, de informar, e, à sociedade, de ser informada.

Já a condenação pela justiça brasileira de acusados de assassinatos de profissionais da imprensa tem recebido elogios de organismos internacionais.

Apesar de o combate à impunidade ainda ser bastante modesto, o Comitê para Proteção de Jornalistas aponta progressos no caso do Brasil. Segundo o Índice Global de Impunidade - 2017, nos últimos quatro anos, o Brasil condenou suspeitos em seis casos.

Em setembro, a prefeita de Santa Luzia (MG), Roseli Ferreira Pimentel, foi presa por envolvimento na morte do proprietário do Jornal O Grito, Maurício Campos Rosa. Ele foi assassinado em 2016, depois de publicar uma série de reportagens sobre uma investigação do Ministério Público que associava vereadores às irregularidades em licitações.

PERFIL DAS DECISÕES JUDICIAIS



Região

Centro-Oeste
Sudeste
Nordeste
Sul

9 (DF 7 e MS 2)

4 (SP 2 e MG 2)

4 (AL 3 e PE)

3 (RS 2 e PR)



Decisões

Contra a imprensa
A favor da imprensa
Condenação à prisão

15

4

1

COMPARAÇÃO COM ANOS ANTERIORES

COMPARAÇÃO / ANOS ANTERIORES

	Assassinatos	2017	1 (▼ 50%)
		2016	2
		2015	8
		<hr/>	
	Atentados	2017	3 (▼ 50%)
		2016	6
		2015	3
		<hr/>	
	Agressões	2017	35 (▼ 47,76%)
		2016	67
		2015	64
		<hr/>	
	Ameaças	2017	10 (▼ 47,36%)
		2016	19
		2015	14
		<hr/>	
	Intimidações	2017	4 (▼ 76,47%)
		2016	17
		2015	9
		<hr/>	
	Ataques / vandalismos	2017	4 (▼ 76,47%)
		2016	17
		2015	3
		<hr/>	

COMPARAÇÃO / ANOS ANTERIORES

	Ofensas	2017	4 (▼ 76,47%)
		2016	17
		2015	1
	Ofensas na Internet	2017	6 (▲ 20%)
		2016	5
		2015	4
	Roubos e Furtos	2017	4
		2016	4
		2015	-
	Assédio Sexual	2017	1
		2016	1
		2015	-
	Censura	2017	6 (▼ 50%)
		2016	12
		2015	-
	Detenções	2017	5 (▼ 28,57%)
		2016	7
		2015	8
	Decisões judiciais	2017	20 (▲ 11,11%)
		2016	18
		2015	2



ARTIGOS



Artigo RSF

Um cenário preocupante para os jornalistas do país

Jornalistas, blogueiros e comunicadores em geral atuam num cenário de grande vulnerabilidade no Brasil, em particular aqueles que trabalham fora dos grandes centros urbanos. Sujeitos a pressões econômicas e políticas, que se manifestam com frequência em casos de intimidações e processos judiciais abusivos, os jornalistas têm sua margem de ação limitada, com um forte impacto para o pluralismo e a diversidade no horizonte midiático brasileiro.

Os casos de agressões verbais, ameaças e campanhas de difamação vêm se multiplicando, sobretudo na internet, num ambiente marcado por uma forte polarização que tende a se acirrar ainda mais em 2018 com o período eleitoral. Estes ataques escalam de xingamentos em seções de comentários de sites de notícia a verdadeiras campanhas de assédio via redes sociais, inclusive com declarações racistas e misóginas até ameaças de estupro.

No que se refere à situação das mulheres jornalistas, a pesquisa “Mulheres no Jornalismo”, publicada em dezembro de 2017 pela Gênero e Número (GN) e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), aponta que 70,2% de mulheres jornalistas já presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada e 86,4% já passaram por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no ambiente de trabalho.

Outra tendência preocupante é o aumento de processos judiciais movidos contra jornalistas e meios de comunicação por crimes ditos contra a honra – difamação, injúria e calúnia – e por pedidos de retiradas de conteúdo. Temos observado um abuso sistemático dessas estratégias, utilizadas sobretudo por autoridades públicas como forma de pressionar e calar críticas.

Quanto às agressões físicas contra jornalistas e comunicadores no país, identificamos uma diminuição de casos, que se explica em parte por um número menor de protestos em relação aos anos anteriores, que eram frequentemente acompanhados de registros de violência policial e por parte de manifestantes.

Em 2017, a Repórteres sem Fronteiras registrou 11 casos de comunicadores assassinados no Brasil, porém em apenas 1 caso identificamos

elementos suficientes que sugerem uma relação direta entre o crime e a atividade jornalística. O blogueiro Luis Gustavo da Silva foi executado no município de Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza (CE), no dia 14 de junho de 2017.

O Brasil se encontra na 103ª posição, entre 180 países, no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa de 2017, elaborado pela Repórteres sem Fronteiras.

Emmanuel Colombié

Reporteros sin Fronteras - Director Regional América Latina

Repórteres sem Fronteiras - Diretor América Latina

Artigo UNESCO

A importância da liberdade de expressão no mundo contemporâneo

O direito à liberdade de expressão exerce um papel fundamental no fortalecimento e no desenvolvimento da democracia.

Para a UNESCO, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, o direito à liberdade de expressão, em todas as suas formas, além de ser crucial para a democracia, é uma pré-condição para a proteção e a promoção de todos os outros direitos humanos.

Estamos convictos de que todos os cidadãos podem e devem expressar livremente suas ideias, pensamentos e opiniões, sem medo de sofrer censura ou retaliação. Entretanto, com as novas tecnologias de comunicação, e à medida em que o mundo contemporâneo oferece aos indivíduos um maior acesso à informação, ataques e restrições à livre manifestação do pensamento têm se tornado cada vez mais recorrentes.

Na busca pela promoção da segurança dos jornalistas e pelo combate à impunidade daqueles que os atacam, a UNESCO também tem documentado e acompanhado casos de assassinatos de jornalistas ao redor do mundo. Por meio da série de publicações "Tendências mundiais sobre liberdade de expressão e desenvolvimento da mídia", a Organização realiza uma análise sistemática de todo o panorama que abrange as dinâmicas contemporâneas relacionadas à liberdade de expressão e ao desenvolvimento da mídia no mundo. Os conceitos-chave desse estudo são a liberdade, o pluralismo, a independência e a segurança.

Entre 2006 e 2015, a UNESCO documentou 827 assassinatos de jornalistas. Esses dados estão disponíveis no "Relatório da diretora-geral da UNESCO sobre a segurança de jornalistas e o perigo de impunidade", publicado em 2016.

De maneira complementar, a Organização envia, anualmente, pedidos de informações aos Estados-membros a respeito do status do acompanhamento judicial dos assassinatos de jornalistas. O Brasil reconhece o mecanismo de monitoramento da UNESCO e tem fornecido respostas regulares.

Com a era digital, surgem novos desafios: aumentam as novas formas de comunicação, com amplitude e repercussão planetárias. Jornalistas ganham presença na web, e cidadãos jornalistas e ativistas conquistam espaço em meios de comunicação de massa anteriormente inimagináveis. As empresas jornalísticas que oferecem à sociedade um jornalismo responsável e de qualidade são cada vez mais necessárias – é isso que possibilita aos cidadãos distinguirem notícias falsas, um flagelo recorrente nos dias atuais. Em algumas empresas, os serviços de checagem de

dados são ampliados, com o objetivo de cooperar no enfrentamento à desinformação.

Reiterando o compromisso de combater os altos índices de homicídios contra jornalistas registrados no Brasil e no mundo, a UNESCO – agência-líder no Sistema ONU, com um mandato relativo ao desenvolvimento das comunicações – cumprimenta a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) pelo lançamento de seu “Relatório anual 2017: violações à liberdade de expressão”.

Mais do que nunca, precisamos somar esforços para quebrar o ciclo de violência contra todos os profissionais dos meios de comunicação, por meio da promoção da livre expressão de ideias, da segurança e do combate à impunidade. Somente assim caminharemos rumo a uma sociedade cada vez mais democrática, tolerante e plural.

Marlova Jovchelovitch Noieto

Representante *a.i.* da UNESCO no Brasil



CASOS DE

VIOLÊNCIA



CASOS DE VIOLÊNCIA

2017



ASSASSINATOS

14 de junho – O blogueiro e radialista **Luís Gustavo da Silva**, o Gugu, foi assassinado com 17 tiros de arma de fogo ao chegar de motocicleta em casa, em Aquiraz, região metropolitana de Fortaleza (CE). Ele foi abordado por dois homens que mandaram a companheira dele se afastar e dispararam contra Gugu. Ele foi atingido na cabeça e no peito. Administrador do blog De Olho em Aquiraz, Gugu divulgava informações sobre a cidade e ocorrências criminais. Antes de morrer, já havia recebido ameaças.



ATENTADOS

3 de março – O carro do repórter **Rodrigo Lima**, do jornal Diário de São José do Rio Preto, em São Paulo, ficou totalmente destruído após um incêndio. Câmeras de segurança do jornal registraram o momento em que os suspeitos encheram o automóvel de gasolina e atearam fogo. O jornalista é conhecido pela cobertura política na cidade e não estava na redação na hora do atentado. Os autores do incêndio conseguiram fugir.

31 de março – O carro do jornalista **Marcio Prado**, do Blog do Peninha, foi atingido por cinco disparos, quando estava na garagem da residência de Prado, em Rio Grande da Serra, na Grande São Paulo. Na ocorrência policial, o jornalista informou ter recebido ameaças e disse que o autor dos disparos pode ser “qualquer pessoa que se sentiu atingida por suas reportagens”.

28 de dezembro - O repórter **Gabriel Barbosa da Silva**, conhecido como Binho, do jornal digital Verbo Online, foi alvo de um acidente proposital e, em seguida de disparos de arma de fogo. O profissional, que cobre municípios da região sudoeste da Grande São Paulo, voltava de uma reunião pela rodovia Régis Bittencourt quando teve a motocicleta atingida por um carro. Com a queda, o repórter deslizou por um barranco até uma rua paralela à rodovia. O mesmo carro que o atingiu passou pela rua e um dos passageiros efetuou três disparos contra o jornalista. Gabriel nada sofreu. Horas depois, foi publicada uma ameaça no Facebook de Binho: “Os próximos tiros vão ser na cara para deixar de ser falador”. O jornal Verbo Online se dedica à cobertura de política local e o repórter acredita que o ataque pode ter relação com as charges que assinava em reportagens. A ocorrência foi registrada na Delegacia Central de Embu no dia 4 de janeiro de 2018.



AGRESSÕES

17 de janeiro – A repórter **Larissa Carvalho**, da TV Globo Minas, foi agredida enquanto cobria uma rebelião no presídio Antônio Dutra Ladeira, em Ribeirão das Neves, na região metropolitana de Belo Horizonte. A jornalista relatava, ao vivo, os problemas de superlotação na unidade. Durante uma confusão entre parentes dos presos, Larissa foi empurrada pela mãe de um detento e caiu. A repórter teve ferimentos leves no braço.

8 de fevereiro – Manifestantes agrediram a repórter **Raylline Hausmann**, da TV Capixaba, afiliada da Rede Bandeirantes no Espírito Santo. Ela fazia uma reportagem sobre a onda de violência na cidade causada pela greve geral de policiais militares de Vitória. Ao acompanhar a saída de uma viatura, em frente ao Batalhão de Missões Especiais, a repórter foi puxada e empurrada. Os agressores também xingaram Raylline. O cinegrafista Orlando Brizola foi hostilizado, obrigado a entrar no carro e impedido de continuar registrando as imagens.

23 de fevereiro – O fotógrafo **Dario Oliveira**, da Agência Código 19 Fotojornalismo, e o freelancer **Marcelo Chello** foram atingidos por disparos de arma de fogo num confronto entre policiais e usuários de drogas. Eles acompanhavam a “Operação Luz”, da Polícia Militar, na Cracolândia, no centro de São Paulo. Dario ficou gravemente ferido na perna. Já Chello levou um tiro na coxa. O impacto da bala foi amortecido por um celular que ele carregava no bolso da calça. A polícia negou ter feito os disparos.

8 de março – O repórter **Ronei Marcílio**, da Rádio Solaris, de Antônio Prado (RS), foi agredido por um grupo de pessoas, ao registrar uma tentativa de linchamento do suspeito de um assassinato no bairro Aparecida. Os populares o cercaram e começaram a agredi-lo com chutes e pontapés.

14 de março – O jornalista **Martin Behrend**, do portal de mesmo nome, foi agredido com socos e chutes por manifestantes, durante cobertura de protesto de taxistas, em frente ao Centro Administrativo Leopoldo Petry, em Novo Hamburgo (RS).

28 de abril – O repórter e diretor da Rádio Chapecó, **Francisco Bohner Neto**, foi surpreendido

por um grupo enquanto acompanhava um protesto no distrito de Marechal Bormann (SC). Ele relatava, ao vivo, o bloqueio na rodovia e se aproximou de pessoas que impediam a passagem de um motociclista. O jornalista foi empurrado e teve o celular arrancado das mãos ao perguntar quando a via seria liberada. Bohner Neto foi acusado de distorcer os fatos, ofendido e ameaçado por manifestantes que insinuaram que o melhor seria ele “sair de fininho para o caldo não engrossar”.

28 de abril – Uma equipe do SBT foi cercada por aproximadamente 30 pessoas que protestavam contra as reformas do governo Temer. A repórter **Fernanda Muylaert** e o cinegrafista **Neri Gonçalves** levaram chutes e empurrões. A dupla cobria a greve geral na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, e foi surpreendida com gritos de “mídia golpista”. Os agressores tentaram derrubar os equipamentos de reportagem. Fernanda e Neri sofreram arranhões. Colegas da imprensa ajudaram a equipe a se livrar dos agressores.

24 de maio – A repórter da TV Brasil, **Giselle Garcia**, foi atingida na perna por estilhaços de vidro depois que manifestantes atacaram o prédio do Ministério da Cultura, em Brasília, com uma bomba. Eles protestavam contra o governo e as reformas trabalhista e previdenciária, e depredaram e incendiaram prédios públicos. Já o repórter fotográfico **André Coelho**, do jornal O Globo, levou um chute de um policial. A violência continuou com um disparo para o chão, próximo ao pé da vítima. Coelho havia registrado PMs atirando contra manifestantes. A agressão foi captada pelo também fotógrafo **Joedson Alves**, da Agência EFE. Ele foi perseguido por um militar, que deu um tapa na câmera usada no flagrante. O repórter **Nilson Klava**, da Globo News, foi empurrado por um soldado. O jornalista fazia uma entrevista durante o protesto convocado pelas centrais sindicais.

11 de junho – O repórter **Daniel Rezende**, da Rádio Xodó FM, de Itabaiana (SE), foi agredido por um segurança, durante a Festa do Caminhoneiro. Mesmo portanto a identificação funcional e a credencial do evento, Rezende foi empurrado para fora do local. A truculência do segurança foi contida por um policial militar.

16 de junho – A repórter **Laila Pereira**, da Rede Amazônica, e o cinegrafista **Walfram Leão**, da TV Em Tempo, levaram socos no estômago de um segurança, durante uma convenção partidária em Manaus (AM). Eles também foram empurrados e impedidos de entrar no evento. A confusão teve início no momento em que candidatos de uma coligação foram apresentados.

16 de junho – A repórter **Ticiane Bicelli** e o cinegrafista **Liberato Santana**, da TV Aratu, afiliada do SBT na Bahia, foram agredidos durante a gravação de uma matéria sobre a cobrança para uso de banheiros da feira de São Joaquim, em Salvador. Duas funcionárias não gostaram da abordagem e partiram para cima da jornalista com empurrões, puxões de cabelo e tapas. Ticiane teve ferimentos na boca e pelo corpo. Já Liberato sofreu escoriações. Câmera e microfone foram quebrados. As agressoras acabaram detidas.

26 de junho – O repórter fotográfico do jornal Bem Paraná, **Franklin de Freitas**, o repórter do jornal Tribuna do Paraná, **Lucas Sarzi**, e o jornalista do Brasil de fato, **Gibran Mendes**, foram agredidos por policiais militares e servidores municipais, durante cobertura da votação do pacote de ajuste fiscal da Prefeitura de Curitiba, na Ópera de Arame, em Curitiba (PR). Além de sofrerem os efeitos do gás de pimenta lançado durante o confronto entre PMs e manifestantes, Freitas e Sarzi foram agredidos pelas costas com cassetetes. Já Mendes foi atingido por bala de borracha. Também uma equipe de reportagem da Rede Paranaense de Comunicação foi agredida com empurrões e pontapés e precisou ser retirada da manifestação com a ajuda de outros jornalistas.

8 de julho – O cinegrafista da Band, **Benjamin Reis**, foi atacado por um torcedor com uma barra de ferro enquanto transmitia a partida entre Vasco e Flamengo, no Estádio São Januário, no Rio de Janeiro (RJ). O agressor invadiu a cabine onde o profissional estava. Ferido, Reis foi hospitalizado. Outros profissionais de imprensa também foram alvo da ação de torcedores.

19 de julho – O repórter **Henrique Pereira**, o cinegrafista **Janilton Silva** e o auxiliar **Celso Emídio**, da TV Pajuçara, afiliada da TV Record em Maceió

(AL), foram empurrados e ameaçados por familiares de Fábio Rangel, ex-prefeito da cidade de Girau do Ponciano, durante cobertura jornalística sobre a chegada de presos em operação de combate à corrupção, na qual Rangel está envolvido.

1º de agosto – O repórter **Márcio Adalto** e o cinegrafista **Ever Centurion**, do SBT Interior, foram agredidos por um sargento da Polícia Militar de Urânia (SP). Os dois acompanhavam a audiência de um caso que levou o ex-prefeito da cidade, Francisco Saracuzza, à prisão por desvio de verba. O PM fazia a escolta do réu e tentou impedir a gravação. A equipe foi empurrada e a câmera acabou confiscada. Adalto continuou a filmagem com um celular e teve o aparelho derrubado. Os profissionais também foram ameaçados de detenção.

4 de agosto – O cinegrafista da EPTV Sul de Minas, afiliada da Rede Globo em Minas Gerais, **Tarciso Silva**, levou um chute do vereador de Varginha, Marco Antônio de Souza. Ele fazia imagens do antigo lixão da cidade para uma reportagem sobre o problema de transporte de lixo até o novo aterro sanitário da região. O profissional foi impedido pelo político de continuar a gravação. Marquinho da Cooperativa, como é conhecido, chegou derrubando o tripé da câmera e machucando Tarciso na perna.

20 de agosto – A repórter **Flávia Azevedo**, do portal Umuarama News, foi agredida por um servidor público, mais tarde identificado como um delegado de polícia de Palotina (PR), durante cobertura de uma confusão numa festa universitária no Parque de Exposições Dario Pimenta da Nóbrega, em Umuarama. O delegado ainda deu um tapa na mão do cinegrafista **Henrique Azevedo**, também do portal Umuarama News, para que parasse a gravação. Já na delegacia, onde o caso foi registrado, a repórter **Carla Ribeiro** e o cinegrafista **Diego Alberto**, da TV Caiuá, tiveram o celular e a câmera arrancados das mãos pelo mesmo delegado, que deu ordem de prisão aos dois, por desacato à autoridade. O caso foi encaminhado à Corregedoria da Polícia Civil do Paraná.

7 de setembro – **Jadson Lima**, radialista de uma emissora comunitária de Japarutaba, em

Sergipe, foi agredido com um tapa no ouvido pelo deputado André Moura (PSC/SE), durante tentativa de entrevistar a prefeita da cidade, Laura Moura, mulher do parlamentar. O radialista ainda teve o celular tomado.

12 de setembro – A fotojornalista **Isadora Neumann**, do jornal Zero Hora, foi atingida no rosto por spray de pimenta disparado por um policial militar. Ela fazia imagens do protesto contra o fechamento da exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, no centro de Porto Alegre (RS). A agressão ocorreu durante um confronto entre manifestantes e a brigada militar, quando Isadora registrava a prisão de duas pessoas pelo pelotão de choque.

13 de setembro – Uma equipe do jornal Diário de Ribeirão Pires, na região metropolitana de São Paulo, foi agredida pelo médico Olcimar Dias, da Unidade de Pronto Atendimento do município. Os jornalistas **Rafael Ventura**, **Leandro Godoy**, **Diego Alves** e **Leonardo Constantino**, e o cinegrafista **Guilherme Duarte** apuravam denúncia sobre a demora no atendimento, causada por profissionais de saúde contrários ao ponto biométrico. Olcimar Dias foi flagrado usando a internet durante o trabalho. O médico tentou quebrar a câmera e deu socos nos repórteres. Os ataques só pararam quando ele foi imobilizado por guardas municipais.

16 de setembro – A repórter do jornal A Gazeta, **Luciana Castro**, foi agredida pela mulher do jogador Edinho, da Desportiva Ferroviária, quando cobria o jogo entre a Desportiva e o Atlético Itapemirim, pela Copa Espírito Santo. Ela estava no estádio Engenheiro Araripe, em Vitória (ES), quando a mulher do jogador avançou no crachá de identificação da repórter, arranhando seu pescoço.

16 de setembro – O repórter fotográfico **Fernando Ribeiro**, do jornal A Tribuna, foi agredido por parentes de um acusado de pedofilia, quando registrava o caso na Delegacia da Infância e Juventude, em Vitória (ES).

5 de outubro – O blogueiro **Ângelo Rigon** foi agredido com um soco pelas costas por Otávio Marchese, irmão do vereador Homero Marchese,

durante sessão na Câmara Municipal de Maringá (PR) para a abertura de uma Comissão Processante contra o vereador. As imagens da agressão foram registradas pelo circuito de segurança da Câmara.

7 de outubro – O repórter **Marcello Ribeiro**, do jornal Valor Econômico, foi agredido por um segurança que fazia a guarda de Lula. O jornalista cobria um encontro das Mulheres do PT e esperava pelo ex-presidente na garagem do Hotel San Marco, em Brasília. Ribeiro foi impedido de continuar no local e de fazer perguntas. O segurança xingou e empurrou o repórter, que foi arrastado pelo braço e jogado na direção das escadas. O áudio da confusão foi gravado.

21 de outubro – O repórter fotográfico **Carlos Souza Ramos**, da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), de Campinas (SP), foi agredido por homens que se identificaram como proprietários do bar Cenário, estabelecimento denunciado por se apropriar de espaço público. Os agressores também arrancaram o crachá funcional do repórter.

25 de outubro – A repórter **Estela Nascimento** e o cinegrafista **Josualdo Moura**, da TV Gazeta de Alagoas, foram agredidos por assessores da deputada estadual Thaise Guedes, quando registravam a saída da parlamentar da sede da Polícia Federal, onde ocorreu o depoimento de Thaise sobre o desvio de verba na Assembleia Legislativa local.

30 de outubro – Uma equipe do Sistema Floresta de Comunicação, afiliada do SBT no Pará, foi agredida pela procuradora da prefeitura de Tucuruí, Gláucia Oliveira. A repórter **Rosa Bezerra de Macedo** e o cinegrafista **Pedro Mória de Souza Júnior** acompanhavam o cumprimento de mandados de prisão, condução coercitiva e apreensão de documentos no município. O caso era relacionado ao assassinato do prefeito Jones Galvão. A procuradora quis impedir a gravação com um tapa no equipamento. Ela empurrou a jornalista e chamou os profissionais de “palhaços”.

4 de novembro – O cinegrafista **Eliandro Piva**, da RICTV, afiliada da TV Record no Paraná, foi

agredido enquanto registrava imagens de um vendaval na cidade de Tamarana, na região norte do estado. O agressor, identificado como Demétrius Barbosa Zanin, é um dos sócios de uma empresa de fertilizantes e não queria que a fachada do estabelecimento fosse filmada. Além de xingar Piva, o autor atacou o profissional com galhos de árvores. O cinegrafista sofreu escoriações nos braços, no rosto e na cabeça. A câmera usada na reportagem ficou danificada.

6 de novembro – O fotógrafo **Paulo Soares**, do jornal O Estado, acompanhava um protesto de moradores na Rua da Vala, em São Luís (MA), quando foi agredido por um policial militar. Soares registrava a prisão de um dos manifestantes que bloquearam a avenida para cobrar melhorias na área. Ao ser visto, levou um soco do militar, que também derrubou o equipamento. O repórter fotográfico teve uma luxação na mão. Apesar de se identificar como imprensa, foi impedido de continuar o trabalho.

9 de novembro – A repórter **Márcia Dantas**, do SBT, levou pedradas enquanto falava, ao vivo, sobre a chacina que resultou na morte de quatro pessoas, em Tremembé, na zona norte de São Paulo. Márcia foi atacada por uma mulher que passava no local. A jornalista gritou por socorro e a cobertura foi imediatamente interrompida. O carro da equipe também foi apedrejado. Profissionais da TV Record, que estavam na cobertura do caso, saíram às pressas e, por pouco, não foram atingidos.

14 de novembro – O cinegrafista da TV Gazeta de Alagoas, **Aldo Correia**, foi agredido e ameaçado por torcedores, durante cobertura do jogo entre CRB e Goiás, pelo Campeonato Brasileiro. Ele foi atacado pelas costas quando fazia imagens do conflito entre as duas torcidas.

17 de novembro – O repórter **Renee Rocha** e o fotógrafo **Paulo Jacob**, ambos do jornal O Globo, foram atingidos por balas de borracha em frente à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Os dois cobriam as manifestações contra a revogação das prisões dos deputados estaduais Jorge Picciani, Paulo Melo e Edson Albertassi, acusados de receber propina de empresários locais. No momento da ação, a votação já havia

acabado. Um dos disparos foi na direção do rosto de Rocha, que se protegeu atrás de uma barraca. Ele só não se feriu porque usava um capacete que amorteceu a bala. Já Jacob foi baleado na barriga. A cena foi gravada.

12 de dezembro – Guardas civis metropolitanos de São Paulo agrediram o cinegrafista da TV Globo, **Marcelo Campos**, durante protesto de estudantes contra o projeto “Escola Sem Partido”. O profissional filmava a ação truculenta dos agentes ao expulsar manifestantes das galerias da Câmara Municipal de São Paulo. O equipamento usado por Campos foi danificado. Agredido no rosto, Campos ainda foi empurrado e obrigado a deixar o local.

13 de dezembro – O repórter cinematográfico **Sérgio Leite**, da TV Globo, foi agredido por flamenguistas, durante cobertura do confronto entre policiais e torcedores, na saída do Maracanã, no Rio de Janeiro. Leite foi empurrado e caiu no chão. O episódio aconteceu após o jogo entre o time carioca e o argentino Independiente, que conquistou o título da Copa Sul-Americana.

20 de dezembro – O repórter da TV Bandeirantes no Triângulo Mineiro, **Ricardo Martins**, teve o microfone arrancado das mãos pela procuradora jurídica da Câmara de Vereadores de Uberlândia (MG), Alice Ribeiro. A agressão ocorreu durante uma entrevista, no momento em que o jornalista perguntou à advogada se o aumento salarial de 20% para vereadores, aprovado pelos próprios políticos, não era considerado imoral. Alice também xingou Martins de “ordinário” e ameaçou processá-lo.



AMEAÇAS

28 de janeiro – O repórter **Lucas Musetti**, do GloboEsporte.com, foi ameaçado pelo zagueiro argentino Fabían Noguera, do Santos. O episódio ocorreu logo após o amistoso entre o time brasileiro e o marroquino Kenitra, no Pacaembu, em São Paulo. Após Musetti criticar a atuação do jogador, Noguera cobrou satisfações do repórter e disse que “a conversa seria pior” se ele voltasse a ser criticado. O zagueiro ainda segurou o repórter pela gola da camisa e apontou o dedo contra o rosto do profissional.

31 de janeiro – O jornalista **Yago Sales**, do semanário Tribuna do Planalto, de Aparecida de Goiânia (GO), foi ameaçado pelo pastor Daniel Batista de Moraes, após denúncias sobre exploração e agressões a internos de uma clínica para viciados em drogas, mantida pelo pastor. Yago recebeu por áudio as ameaças, também dirigidas a um ex-diretor da clínica. Em um dos trechos, Moraes diz que os dois “deveriam ter pensado antes de ter mexido” no passado dele, e que trouxeram essa história “para o quintal de casa”.

20 de março – O repórter **Bruno Abbud** e o fotógrafo **Ednilson Aguiar**, do portal O Livre, foram ameaçados de prisão por policiais civis e fiscais da Secretaria Estadual de Meio Ambiente do

Mato Grosso, numa estrada de Vila Bela da Santíssima Trindade, na fronteira com a Bolívia. Eles faziam reportagem sobre a situação do Parque Estadual da Serra de Ricardo Franco, quando os policiais e fiscais exigiram acesso às imagens feitas, ameaçaram prendê-los e quiseram saber se haviam fotografado a fazenda do ministro-chefe da Casa Civil, Eliseu Padilha.

8 de julho – O comentarista da Rádio Nacional, **Waldir Luiz**, foi xingado e ameaçado de agressão por torcedores durante a transmissão do jogo entre Vasco e Flamengo, no Estádio São Januário, no Rio de Janeiro. A cabine onde ele estava foi apedrejada. Outros profissionais da imprensa foram alvo na mesma cobertura esportiva.

4 de agosto – A repórter **Andreia Marques**, da EPTV Sul de Minas, afiliada da Rede Globo em Minas Gerais, foi ameaçada pelo vereador de Varginha, Marco Antônio de Souza (PRB). Ela fazia uma reportagem sobre o problema de transporte de lixo para o novo aterro sanitário da cidade, quando foi abordada pelo político. Marquinho da Cooperativa, como é conhecido, disse à jornalista já ter matado três pessoas. Também alegou ser homem e chamou mulheres para conversar com Andreia, insinuando que as catadoras ali presentes poderiam bater na repórter.

8 de setembro – O coordenador regional do governo do Paraná no Oeste do estado, Eliezer José Fontana, usou o aplicativo de mensagens Whatsapp para ameaçar a repórter do jornal O Paraná, **Juliet Manfrin**, após a publicação de uma série de matérias sobre processos e condenações por improbidade administrativa contra Fontana, no período em que ele foi prefeito de Corbélia. O texto foi enviado para o celular de Juliet e dizia: “Um dia da caça, outro do caçador. Jamais imaginei ser uma jornalista do mal. Acreditei que seria do bem. Me enganei. Quem prega o mal vai receber o mal”. Desde que as reportagens começaram a ser publicadas, a profissional passou a ser coagida em ligações telefônicas e sofreu ataques no perfil pessoal que possui nas redes sociais.

29 de setembro – O apresentador da TV Gazeta e colunista do jornal Folha de S.Paulo, **Fernando Oliveira**, o Fefito, foi ameaçado de morte por e-mail. No texto, o autor da ameaça definiu o jornalista como “veado, aberração, safado, pilantra e doente mental”. Disse ainda ter todos os horários do jornalista anotados e afirmou que iria “descarregar” tiros de 38 no profissional. Nas redes sociais, Fefito declarou que pediria a punição do autor do e-mail.

14 de outubro – Os repórteres esportivos **Cesar Pita**, da Rádio Pajuçara, e **Wellington Martins**, da CBN, de Maceió (AL), foram ameaçados de agressão durante partida de futebol na Arena Castelão, em Fortaleza (CE). Eles estavam na bancada destinada à imprensa, onde não há separação da torcida, quando cinco torcedores do Fortaleza Esporte Clube se irritaram com a narração de um dos gols do CSA.

6 de novembro – O jornalista do site Impacto Atual, **Marcelo Rebelo**, foi ameaçado pelo presidente da Câmara Municipal de Itabirito (MG), vereador José Maria Gonçalves Santos (PSD), após criticar a atuação política do vereador. Ao encerrar a sessão, Zé Maria, como é conhecido, disse: “Não fala mal de mim, não, porque eu sei onde você está, eu te acho na rua, nós vamos discutir de homem para homem... Sei que hora você pega no serviço, onde você guarda seu carro”.

21 de novembro – O repórter do portal Goianira, **Gerliézer Paulo**, foi xingado e ameaçado pelo vereador Lenilton Nunes (PCdoB), durante sessão da Câmara Municipal de Goianira (GO), por não ter tido o nome citado em matéria sobre a organização de um evento na área da saúde. Nunes chamou o repórter de “safado” e disse que “nós vamos trombar por aí. Nós vamos esbarrar por aí”.



INTIMIDAÇÕES

4 de março – Uma equipe de reportagem da TV Globo foi hostilizada durante o velório da ex-primeira-dama Marisa Letícia, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, no ABC Paulista, em São Paulo. Aos gritos de “imprensa golpista” e “imprensa assassina”, o repórter **César Menezes** e um **cinematista** da emissora foram impedidos de continuar a cobertura. Eles foram expulsos do local por um grupo de militantes petistas. Outras emissoras também foram intimidadas.

13 de março – Uma **equipe de reportagem** da Rádio BandNews FM foi seguida e vigiada por carros da Prefeitura de Belford Roxo (RJ), enquanto circulava pelas ruas da cidade da baixada fluminense. Os veículos oficiais faziam paradas bruscas para mostrar que a equipe estava sendo seguida. A BandNews FM fez uma série de reportagens com denúncias sobre a demolição de uma creche e de irregularidades na administração local.

19 de setembro – A repórter e apresentadora da TV Cidade, afiliada da TV Record em Fortaleza (CE), **Patrícia Calderon**, foi intimada a depor na Controladoria Geral de Disciplina (CGD), após reportagem sobre a morte do inspetor Flávio Dantas, que teria passado mal e morrido ao depor na CGD.

15 de outubro – A repórter **Sara Oliveira** e o repórter fotográfico **Matheus Dantas**, do jornal O Povo, foram cercados e intimidados por fiscais da Prefeitura de Fortaleza a parar a reportagem sobre as ocupações de feirantes em frente à Catedral de Fortaleza (CE). Eles não queriam que os repórteres registrassem as imagens da perseguição dos fiscais aos feirantes.



ATAQUES/VANDALISMOS

9 de fevereiro – A sede da **Rede Gazeta**, na Ilha de Monte Belo, em Vitória (ES), foi atingida por quatro tiros durante a madrugada. No espaço funcionam todos os veículos de comunicação do grupo (emissoras de rádio, TV, jornais e sites). As vidraças de um auditório onde são realizados eventos e reuniões foram quebradas. Não havia funcionários no momento do crime. O ato ocorreu em meio ao caos da segurança pública que tomou conta do Espírito Santo.

15 de setembro – Índios da tribo Guarani desligaram **torres de transmissão de celular e TV** no Pico do Jaraguá, em São Paulo. O ato foi um protesto pela redução da área indígena, que fica nas proximidades do Parque do Jaraguá. Eles fecharam a estrada e apagaram três antenas, além da iluminação das torres. Com o ataque, mais de 600 mil pessoas no norte da capital paulista e nas cidades de Cajamar, Mairiporã, Caieiras e Franco da Rocha ficaram sem sinal de TV ou com sinal fraco. A polícia acompanhou a manifestação de longe.

25 de outubro – Um grupo de aproximadamente 30 pessoas invadiu o terreno da **Rádio Capital AM 1180**, em São Luís (MA). Eles portavam facas e pedras, e derrubaram, durante a madrugada, a torre de transmissão da emissora. Também atearam fogo à estrutura e destruíram a rede elétrica. Após o ataque, eles começaram a construir barracos na área. No ato, os vândalos ainda levaram um transmissor, um processador e um transformador da rádio.

18 de novembro – A sede da **Rádio Beira Rio FM**, em Edealina (GO), foi completamente destruída por um incêndio durante a madrugada. Computadores e equipamentos de transmissão também foram tomados pelas chamas. Este foi o segundo incêndio que atingiu a rádio em um ano. A polícia apura a hipótese de o ataque ter sido por motivação política.



OFENSAS

17 de maio – O repórter do jornal Folha de S. Paulo, **Rubens Valente**, foi xingado de “analfabeto”, “escroto”, entre outras agressões verbais, pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), durante entrevista, em Brasília, após matéria publicada pelo jornalista sobre análise de documentos sigilosos do Exército que afirmam que o deputado carioca é dono de uma “excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente”.

3 de junho – A jornalista e comentarista da TV Globo, **Miriam Leitão**, foi ofendida durante um voo de Brasília ao Rio de Janeiro. Por quase duas horas, ela foi alvo de militantes do PT que gritavam palavras de ordem contra a profissional e a emissora, e a xingavam. Miriam chegou a ser ameaçada pelos representantes partidários. Alguns passavam pelo corredor do avião empurrando a poltrona ocupada pela jornalista e a chamavam de terrorista. Eles também ameaçaram atacar fisicamente a Rede Globo. Em nenhum momento a jornalista revidou.

15 de junho – O jornalista e comentarista da TV Globo, **Alexandre Garcia**, foi hostilizado e ofendido por um passageiro no aeroporto de Brasília. Os dois seguiram viagem no mesmo voo para Belo Horizonte (MG). Durante o trajeto do portão de embarque ao avião, o militante de esquerda chamou Garcia de golpista. Os ataques verbais continuaram com frases como “a verdade é dura: Alexandre Garcia apoiou a ditadura” e “a história não perdoa golpistas nem traíras”. Toda a ação foi filmada pelo ofensor. Alexandre Garcia não respondeu às ofensas.

8 de outubro – O repórter fotográfico **Evilásio Bezerra**, do jornal O Povo, foi xingado de “vagabundo” pelo fiscal da Prefeitura de Fortaleza, Ricardo Arruda, durante cobertura jornalística sobre a revitalização do espaço para uma feira na rua José Avelino, em Fortaleza (CE). Além da agressão verbal, o funcionário público questionou o direito de Bezerra registrar as imagens do local.



OFENSAS NA INTERNET

23 de fevereiro – O repórter **Aguirre Neto**, da revista IstoÉ, foi xingado de “vagabundo, bandido, inescrupuloso, mau caráter”, em vídeo publicado na internet pelo pastor Silas Malafaia, após publicação de matéria sobre o indiciamento do pastor, pela Polícia Federal, por participação em esquema de corrupção em pagamentos de royalties de mineração.

21 de junho – A jornalista da Rádio Guaíba, **Vitória Famer**, foi ofendida nas redes sociais e alvo de intimidações pelo Facebook e pelo Twitter, após cobrir uma manifestação em frente à prefeitura de Porto Alegre (RS) e publicar que o integrante do Movimento Brasil Livre (MBL) e youtuber do canal “Mamãefalei” Arthur do Val havia sido detido por se envolver numa briga durante o protesto. Em uma das entrevistas feitas, a jornalista também questionou a suposta ligação entre assessores e servidores de duas secretarias municipais com o MBL.

21 de julho – O colunista do Jornal Zero Hora, **Paulo Germano**, foi ofendido nas redes sociais por postar uma opinião comparando o Partido dos Trabalhadores ao Movimento Brasil Livre.

6 de agosto – A repórter da Rádio CBN, **Basília Rodrigues**, foi ofendida nas redes sociais pelo deputado federal Wladimir Costa (SD-PA). Ele

usou a internet para atacá-la depois que a jornalista publicou um relato de que o parlamentar teria cometido assédio sexual contra ela durante uma entrevista. O político também usou fotos da repórter sem a devida autorização.

26 de agosto - O repórter do UOL e um dos fundadores da Ponte Jornalismo, **Luís Adorno**, foi ofendido pelo sargento da Polícia Militar de São Paulo, Francisco Alexandre, após publicação de entrevista com o comandante da Rota, Ricardo Augusto de Mello Araújo. Na matéria, Mello Araújo afirma que “as abordagens policiais realizadas nos Jardins (bairro nobre de São Paulo), devem ser diferentes das abordagens nas periferias”. Em vídeo publicado nas redes sociais, Alexandre chama Adorno de “burro”. A publicação na página do sargento Alexandre atacando o jornalista teve quase 3 mil curtidas e mais de 800 compartilhamentos.

14 de novembro – O deputado federal e pré-candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro (PSC/RJ), usou o Twitter para ofender a colunista do jornal O Globo, **Miriam Leitão**. O parlamentar escreveu no perfil que a jornalista “faz jus ao sobrenome” e que o lugar dela era “no chiqueiro da história”. As agressões vieram depois que Miriam criticou a falta de preparo do deputado para falar de economia.



ROUBOS/FURTOS

15 de janeiro – O **repórter cinematográfico** e o **motorista** de uma equipe de jornalismo que prestava serviços para o SBT no Rio de Janeiro foram assaltados por dois homens que estavam armados, numa moto. Na ação, os criminosos levaram o equipamento da emissora e o carro da reportagem.

17 de fevereiro – A repórter **Larissa Calderari**, da Rádio CBN, foi roubada enquanto fazia uma entrada, ao vivo. A jornalista estava em frente à sede dos Correios, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Enquanto Larissa lia o texto no celular pessoal, ela teve o aparelho arrancado das mãos. O homem que abordou Larissa fugiu. Assustada, a repórter não conseguiu terminar a matéria.

25 de fevereiro – A repórter **Wanessa Andrade**, da Globo News, foi furtada durante a cobertura do carnaval pernambucano. A jornalista transmitia a festa do Galo da Madrugada direto do Recife quando, no meio da multidão, teve o aparelho levado por um folião.

4 de março – Bandidos invadiram o parque de transmissões da Rua Araranguá, em Blumenau (SC), para furtar e quebrar aparelhos jornalísticos. Eles levaram cobre e outros equipamentos, deixando diversas rádios catarinenses fora do ar por algumas horas. As emissoras **90FM**, **CBN FM**, **Menina FM** e **Guararema FM** tiveram prejuízo superior a R\$ 100 mil.



ASSÉDIO SEXUAL

1º de agosto – A jornalista da Rádio CBN, **Basília Rodrigues**, foi vítima de assédio sexual por parte do deputado Wladimir Costa (SD/PA). O episódio foi durante uma entrevista em que a repórter pediu para ver a suposta tatuagem que o parlamentar teria feito no ombro para homenagear o presidente Michel Temer, de quem é aliado político. A suspeita era que o desenho fosse de henna. Em resposta, Costa disse: “pra você só (mostro) se for o corpo inteiro”. Basília insistiu e foi chamada pelo deputado de “amor”. Jornalistas e outros deputados presenciaram a cena.



CENSURA

9 de fevereiro – O repórter fotográfico **Lula Marques** teve sua página no Facebook bloqueada por 24 horas, após publicar fotos que fez no plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília, mostrando uma conversa entre o deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) e o filho dele, o também deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP), que não votou no pai na disputa pela presidência da Câmara.

21 de fevereiro – Repórteres do **Jornal do Comércio da Franca** e da **EPTV**, afiliada da Rede Globo, foram impedidos de acompanhar uma audiência no Tribunal do Júri em Franca, São Paulo. As equipes chegaram a ter autorização, via ofício, para cobrir a audiência de instrução do auxiliar de serviços gerais, Cairo César Cruz, acusado de ser o responsável pelo acidente que causou a morte de três jovens, em 2015. Mas quando os jornalistas entraram na sala foram “imediatamente convidados a se retirar”. O juiz Paulo César Jorge Filho alegou motivos psicológicos do réu para proibir a entrada da imprensa.

24 de maio – O jornalista **Ivan Brandão**, da Rádio Band News FM, foi impedido de realizar uma cobertura, ao vivo, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Ele acompanhava as manifestações promovidas por centrais sindicais contra as reformas trabalhista e previdenciária, quando foi coagido e expulso da área por policiais militares.

8 de julho – O repórter **Bruno Marinho**, do jornal Extra, foi obrigado a entregar o celular a seguranças do Estádio São Januário, no Rio de Janeiro. As fotos da briga entre torcedores do Vasco e do Flamengo foram deletadas do aparelho antes da devolução do telefone pelos seguranças.

16 de agosto – O chefe de gabinete da Secretaria Especial de Comunicação da Prefeitura de São Paulo, Lucas Tavares, ameaçou dificultar o acesso de veículos de comunicação às informações públicas, após pedido da produtora da TV Globo, **Roberta Giacconi**, sobre a quantidade de buracos na cidade. Em vários trechos de uma gravação feita durante um encontro com técnicos da Controladoria Geral do Município, Tavares afirmou que, com a demora e o atraso nas respostas, os jornalistas desistiriam das reportagens. Ele foi demitido após o caso ser divulgado pela imprensa.

29 de setembro – O repórter esportivo dos jornais O Globo e Extra, **Diogo Dantas**, foi impedido por assessores de imprensa de fazer perguntas ao técnico flamenguista Reinaldo Rueda, durante uma coletiva pós-treino, no Rio de Janeiro. A determinação veio do vice-presidente de comunicação do clube, Antonio Tabet, que também era colunista de O Globo. Dias antes, o jornal Extra havia feito críticas à atuação do goleiro do Flamengo. Após a proibição, Tabet foi demitido do jornal.



DETENÇÕES

31 de janeiro – O fotógrafo freelancer **Léo Pinheiro** foi preso por guardas municipais depois de fazer imagens de uma ação policial, em São Paulo. Ele registrava uma abordagem contra uma mulher suspeita de furtos, em frente ao teatro municipal, quando foi obrigado a interromper o trabalho. Léo foi algemado e levado para a delegacia.

21 de março – O blogueiro **Eduardo Guimarães**, editor do Blog da Cidadania, foi levado coercitivamente por policiais até a Superintendência da Polícia Federal, em São Paulo. Ele estava em casa quando foi detido. Aparelhos celulares de Guimarães e computadores foram apreendidos. O blogueiro foi preso por ter denunciado o suposto vazamento a jornalistas, por parte da PF, da condução coercitiva do ex-presidente Lula.

17 de abril – Dois fotógrafos foram detidos após protesto promovido pelo Movimento Passe Livre, em São Paulo. **André Lucas**, do coletivo Choc Documental, e **Gustavo de Oliveira** estavam no Jardim América, na zona Oeste da capital, fotografando a ação de militantes que atearam fogo em pneus. Os manifestantes eram contrários ao aumento das tarifas de integração do transporte público. Os dois foram levados por policiais, sob a alegação de que teriam participado dos atos que ocorreram perto da residência do prefeito João Dória. A detenção teria sido feita com base em imagens de câmeras de segurança e o depoimento de uma testemunha ocular.

10 de julho – O repórter **Vinicius Arruda**, do jornal Metro, foi preso em Vitória (ES), após filmar uma abordagem policial a dois homens suspeitos de assediar uma mulher dentro de um ônibus da capital. O jornalista presenciou o momento em que um PM deu um soco na costela de um dos abordados. Ao perceber a gravação, os policiais apreenderam o celular de Arruda e o detiveram. Apesar de o repórter ter se identificado como profissional da imprensa, foi levado para a delegacia como testemunha. Ele passou mais de seis horas à espera de um depoimento que não aconteceu e, em seguida, foi preso por crime de desobediência. As imagens captadas foram preservadas e mostram que a filmagem foi feita à distância.

24 de julho – O repórter **Mauro Silva**, do jornal O Estado de Mato Grosso do Sul, foi preso enquanto apurava informações sobre um acidente na Avenida Ernesto Geisel, na zona sul de Campo Grande. O jornalista tentou registrar a discussão entre um soldado e o filho do motorista de um dos carros envolvidos na batida. Policiais deram voz de prisão a Silva por desacato, tomaram a moto do jornal e confiscaram os pertences do profissional. Ele foi jogado no banco traseiro da viatura e ficou vinte minutos trancado. Só foi liberado uma hora e meia após o ocorrido, quando um advogado do jornal interveio e ouviu da PM que o repórter seria encaminhado à delegacia apenas na condição de testemunha.



DECISÕES JUDICIAIS

3 de fevereiro – O jornalista **Fausto Brites** foi absolvido sumariamente de uma ação por calúnia e difamação, 12 anos após o início do processo movido pelo agora conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso do Sul, Osmar Domingues Jeronymo. A decisão, da juíza Eucelia Moreira Cabral, da 3ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça do estado, foi com base na extinção da Lei da Imprensa, julgada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal. O processo era da época em que Fausto trabalhava como editor de Cidades do jornal Correio do Estado. A ação foi motivada porque o jornalista citou, numa reportagem sobre uma operação de combate a crimes tributários, uma coincidência de endereços.

10 de fevereiro – O juiz Hilmar Castelo Branco Raposo Filho, da 21ª Vara Cível do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, proibiu o jornal **Folha de S. Paulo** de publicar reportagens com informações obtidas por um hacker a partir da invasão do celular da primeira-dama Marcela Temer. A decisão se estendeu para outros veículos de imprensa. A Folha havia postado no site do grupo uma notícia com o conteúdo das chantagens feitas pelo criminoso e que comprometiam o presidente da República Michel Temer. O pedido na justiça foi feito por advogados de Marcela. A medida foi concedida em caráter de urgência. Na decisão, o juiz argumentou que a “inviolabilidade da intimidade de Marcela tem resguardo legal claro”. Em maio, a defesa de Marcela Temer desistiu da ação.

7 de abril – O juiz substituto da 4ª Vara Cível de Betim (MG), Lauro Sérgio Leal, determinou a retirada de notícia publicada pelo portal **Tribuna de Betim** sobre a Operação Hammer-on, da Receita Federal em conjunto com a Polícia Federal, e que

cita a prisão, por evasão de divisas, em 2015, do empresário e prefeito de Betim, Vittorio Medioli (PHS). Na ação, Medioli também apresentou queixa-crime contra o autor da reportagem, Alex Bezerra.

3 de maio – O ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, suspendeu a decisão do juiz Paulo Afonso de Oliveira, da 2ª Vara Cível de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. O magistrado havia determinado a retirada do Blog do Nélío do ar. A ordem era para que o jornalista **Nélío Raul Brandão** se abstinisse de publicar reportagens, sob pena de prisão por crime de desobediência. A ação foi movida pela Associação Sul-mato-grossense dos Membros do Ministério Público, contrária às matérias editadas pelo blogueiro. Nélío entrou com uma reclamação junto ao STF, argumentando que os fatos que divulgava eram de interesse da população e diziam respeito a gastos e uso do orçamento. Na decisão liminar, Dias Toffoli defendeu que a determinação do juiz de retirar o blog do ar sob pena de prisão “constitui intervenção vedada ao poder de polícia estatal perante eventuais abusos no exercício da liberdade de manifestação de pensamento”. Também argumentou que a decisão impedia a veiculação de outras notícias que sequer tinham relação com o processo. Toffoli defendeu que a liberdade de comunicação deve valer para blogs e veículos digitais.

24 de maio – O jornalista **Reinaldo Azevedo**, então colunista da revista Veja, teve o sigilo da fonte quebrado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que tornou públicas as conversas gravadas, em abril, pelo jornalista com a irmã do senador Aécio Neves (PSDB-MG), Andréa Neves, na investigação da Lava-Jato, pela Polícia Federal.

13 de julho – O jornalista **Walter Navarro** foi condenado a pagar R\$ 50 mil por danos morais coletivos. A decisão, da 2ª Vara Federal de Dourados, no Mato Grosso do Sul, atende à ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal contra o comunicador. Em 2012 Navarro publicou no Portal O Tempo, de Minas Gerais, um artigo em que dizia que “índio bom é índio morto”. Intitulado “Guarani-Kaiowá é o c... meu nome agora é Enéas p...”, o jornalista, em tom discriminatório, classificou os índios como “insuportáveis, incestuosos e flatulentos”. Adjetivou as mulheres da tribo como “libidinosas”. Para a justiça, Navarro passou dos limites de humor e gerou prejuízos à imagem e à moral do povo indígena. O valor pago iria para programas de saúde e educação dos índios de Dourados.

14 de julho – A revista **IstoÉ** foi condenada a dar direito de resposta à ex-presidente Dilma Rousseff. A decisão, da juíza Karla Aveline de Oliveira, da Vara Cível do Foro Regional da Tristeza, em Porto Alegre (RS), obrigou a revista a conceder os mesmos espaço, destaque e diagramação dados à reportagem veiculada em julho de 2016. A pena para o descumprimento foi estabelecida em R\$ 20 mil. No texto intitulado “Mordomia: carros oficiais a serviço da família de Dilma”, a ex-presidente era associada a práticas ilegais de improbidade administrativa. A juíza classificou a revista como “machista, tendenciosa e praticante do mau jornalismo”.

18 de julho – O Tribunal de Justiça de Alagoas manteve a decisão de primeiro grau que determinava que o **Jornal de Arapiraca** publicasse o direito de resposta do ex-presidente do time ASA de Arapiraca, José Alexandre Filho. O ex-dirigente entrou com uma ação contra reportagem de 1º de abril de 2016, que falava da situação financeira

do clube alagoano. A matéria repercutiu o fato de José Alexandre ter gerado uma dívida junto a uma construtora e não ter pago o compromisso. Apesar de o jornal ter alegado que a reportagem não dizia respeito exclusivamente ao ex-presidente do time, o desembargador Fábio José Bittencourt Araújo considerou que a publicação poderia criar uma imagem negativa ao ex-presidente do ASA. A multa diária pelo descumprimento da determinação era de R\$ 1 mil.

8 de agosto – O repórter do portal Diário do Poder, **Davi Soares**, foi proibido pelo juiz Carlos Henrique Pita Duarte, da 3ª Vara Criminal de Maceió (AL), de publicar qualquer matéria que envolva o deputado estadual Antonio Albuquerque (PTB-AL). Também foi determinada a retirada do ar de todas as matérias já publicadas sobre o parlamentar. A decisão atendeu ao pedido de Albuquerque, que se disse ofendido por ter seu nome veiculado em reportagens com denúncias a seu respeito.

25 de agosto – A juíza Gabriela Guimarães de Faria, da 6ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, atendeu ao pedido do senador Zezé Perrella (PMDB-MG) e determinou que o site **Diário do Centro do Mundo** (DCM) removesse textos que utilizassem o termo “helicoca” e não publicasse novos textos com o neologismo, que batizou o caso do helicóptero de propriedade da família do senador, apreendido no Espírito Santo, com 445 kg de pasta base de cocaína.

7 de setembro – Roseli Ferreira Pimentel, prefeita de Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), foi presa acusada de envolvimento na morte do jornalista e proprietário do Jornal O Grito, **Maurício Campos Rosa**. A decisão, do desembargador da 5ª Vara Criminal do

Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Alexandre Victor de Carvalho, veio após um parecer favorável do procurador de justiça Henrique da Cruz German. Roseli teria participado, com outras três pessoas, do assassinato do jornalista, morto com cinco tiros, ao lado do carro do jornal, em 17 de agosto de 2016. Ele havia publicado uma série de matérias a respeito de uma investigação do Ministério Público sobre o possível envolvimento de vereadores em irregularidades em licitações.

14 de setembro – O Tribunal de Justiça do Paraná manteve a decisão, de primeira instância, que condenou o colunista do jornal Gazeta do Povo, **Celso Nascimento**, por injúria e difamação contra o conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, Ivan Bonilha. Nascimento havia sido condenado a nove meses de prisão. Por ter mais de 70 anos, não poderia ser preso. A justiça determinou o pagamento de dez salários mínimos e das custas processuais. Cabe recurso. Em 2014, o jornalista foi condenado por publicar críticas ao atraso no parecer do conselheiro sobre o edital de licitação do metrô de Curitiba, o que custaria R\$ 500 mil por dia. Na época, o colunista ligou a demora à relação entre Bonilha e o governador do Paraná Beto Richa. Apontava ainda que a morosidade era intencional, para não dar visibilidade ao prefeito de Curitiba e adversário político de Richa, Gustavo Fruet.

20 de setembro – O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Facchin, cassou os efeitos da liminar imposta pela juíza do 3º Cartório Cível da Comarca de Teresina (PI), Lygia

Carvalho Parentes Sampaio, que impediu os jornalistas **Apoliana Oliveira**, do Blog Bastidores, **Aquiles Nairó**, do Código do Poder, e o portal **180 Graus**, de publicar reportagens sobre investigação do Tribunal de Contas do Estado envolvendo a Construtora Caxé e seu proprietário, Gustavo Macedo Costa. Facchin determinou ainda que a magistrada envie explicações sobre sua decisão ao STF.

19 de outubro – A 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça de Alagoas condenou o jornalista **Ricardo Mota**, responsável pelo blog que leva seu nome, por difamação e ao pagamento de R\$ 10 mil de indenização ao juiz Gustavo Souza Lima. A condenação de Mota foi em razão de nota publicada em 2012, revelando que o juiz encaminhou ofício à Secretaria de Defesa Social pedindo aumento de combustível para o carro que ele tem à sua disposição. No ofício, o juiz, que atua em Maceió (AL) e no município alagoano de Marechal Deodoro, afirma possuir "uma propriedade no Estado de Pernambuco, motivo pelo qual também se faz necessário o meu deslocamento com frequência àquele lugar".

12 de novembro – A **TV Pampa**, no Rio Grande do Sul, foi condenada a pagar, de forma solidária, R\$ 12 mil a cada um dos 40 professores que ingressaram com uma ação por danos morais contra a emissora e um entrevistado. Ao vivo, o convidado criticou professores da Universidade Federal do Pampa, em Caçapava do Sul. Afirmou que professor é "cabeludo de brinco que não toma banho" e classificou os docentes como "débeis mentais".

14 de novembro – O jornalista **José Carlos Magdalena**, apresentador da Rádio Morada AM/FM e da TV Cultura Paulista, de Araraquara (SP), foi condenado a pagar R\$ 420 mil de indenização por danos morais a 18 vereadores do município que se sentiram ofendidos após críticas feitas num programa de rádio e em vídeo postado nas redes sociais. A decisão, em primeira instância, foi da juíza Josiane Patrícia Cabrini, da 3ª Vara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo. No comentário, o jornalista chamou os políticos de “canalhas”.

14 de novembro – O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, negou provimento à reclamação da defesa do jornalista **Marcelo Auler**, do blog que leva o seu nome, contra decisão do juiz Nei Roberto de Barros Guimarães, que atendeu a um pedido da delegada Erika Marena, da Polícia Federal, determinando a retirada de duas reportagens consideradas ofensivas pela PF.

28 de novembro – A **TV Jornal**, afiliada do SBT em Pernambuco, foi condenada a pagar R\$ 50 mil de indenização por danos morais coletivos por ter humilhado crianças em um programa que fazia investigação de paternidade. Na ação, ajuizada em 2008, o Ministério Público do estado alegou que a atração do extinto “Bronca Pesada” ligava expressões jocosas aos menores de idade. A decisão é da 4ª turma do Superior Tribunal de Justiça, que negou o pleito inicial do MP, de indenização por danos coletivos na ordem de R\$ 1 milhão.

29 de novembro – O Tribunal de Justiça de São Paulo negou, mais uma vez, o pedido de indenização feito pelo fotógrafo **Sérgio Andrade da Silva**, que perdeu a visão de um olho enquanto trabalhava, em 2013. Ele cobria as manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus, na capital paulista, quando foi atingido por uma bala de borracha. A 9ª Câmara de Direito Público do Tribunal considerou que não era possível provar que o ferimento foi causado por um disparo dos policiais. Silva pediu uma indenização de R\$ 1,2 milhão por danos morais, estéticos e materiais, além de uma pensão vitalícia mensal de R\$ 2,3 mil, com a alegação de que não poderá exercer a profissão da mesma forma em função do ocorrido.

6 de dezembro – O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios condenou o ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, a indenizar em R\$ 50 mil o jornalista **Paulo Henrique Amorim**. O valor é referente ao pagamento das despesas processuais e dos honorários advocatícios da ação movida pelo ministro contra o comunicador. Mendes se sentiu ofendido com uma publicação de 2016 na qual Amorim convoca os movimentos populares para criticá-lo. Na mesma publicação, Amorim postou uma charge em que Mendes aparecia como cangaceiro. Na ação, Mendes alegou abuso no exercício da liberdade de informar e da liberdade de manifestação de pensamentos. Mas para a juíza substituta Indiara de Almeida Serra, não houve ilícito praticado porque a conduta foi exercida “nos limites do direito constitucional de liberdade de expressão”.

Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT

DIRETORIA-EXECUTIVA

Presidente

Paulo Tonet Camargo

Vice-Presidente

Marise Westphal Hartke

Diretor Geral

Luis Roberto Antonik

ASSOCIAÇÕES ESTADUAIS

ALERT – AL

Associação Alagoana das Emissoras de Rádio, Televisão e Jornais Diários

AMERT – AM

Associação Amazonense de Emissoras de Rádio e Televisão

ABART - BA

Associação Baiana de Empresas de Rádio e Televisão

ACERT – CE

Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão

AVEC – DF

Associação dos Veículos de Comunicação do Distrito Federal

SERTES – ES

Sindicato das Emissoras de Rádio e Televisão do Espírito Santo

AGOERT – GO

Associação Goiana das Emissoras de Rádio e Televisão

AMART – MA

Associação Maranhense de Rádio e Televisão

AMIRT – MG

Associação Mineira de Rádio e Televisão

AERMS – MS

Associação de Emissoras de Radiodifusão do Mato Grosso do Sul

AMAERT – MT

Associação Mato-Grossense das Emissoras de Rádio e Televisão

APERT – PA

Associação Paraense de Emissoras de Rádio e Televisão

ASSERP – PB

Associação das Emissoras de Radiodifusão da Paraíba

ASSERPE – PE

Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco

AERP – PR

Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná

AERJ – RJ

Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado do Rio de Janeiro

AGERT – RS

Associação Gaúcha das Emissoras de Rádio e Televisão

ACAERT – SC

Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão

SINERTEJ – SE

Sindicato das Empresas de Rádio, Televisão, Jornais e Revistas do Estado de Sergipe

AESP – SP

Associação de Emissoras de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo

AERTO – TO

Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado do Tocantins

APOERT – RN

Associação Potiguar de Emissoras de Rádio e Televisão

CONSELHO SUPERIOR – 2015/2018

CÂMARA DE RÁDIO

Acácio Luiz Costa
Alfredo Raymundo Filho
Marcelo Soares
Emanuel Soares Carneiro
José Inácio Gennari Pizani
Luiz Guilherme Albuquerque
Marcelo Carvalho
Marise Westphal Hartke
Orlando José Zovico
Paulo Machado de Carvalho Neto
Vicente Jorge Rodrigues
Walter Vieira Ceneviva

Francisco Paes de Barros

Marcelo Bechara
Carlos Rubens Doné
Rafael Pizani
João Carlos Romanini
Roberto Cervo
Mayrinck Pinto de Aguiar Júnior
Ricardo Zovico
Caique Agustini
Paulo Fernandes
Rodrigo Neves

CÂMARA DE TELEVISÃO

Antônio Carlos Magalhães Júnior
Daniel Pimentel Slaviero
Eduardo Carlos
Jaime Câmara Júnior
Jaime Machado da Ponte Filho
João Monteiro de Barros Neto
José Roberto Maluf
Nelson Pacheco Sirotsky
Otávio Gadret
Paulo Tonet Camargo
Roberto Franco
Flávio Ferreira de Lara Resende

Raimundo Moreira
Geraldo Teixeira da Costa Neto
Fernando Eugênio
Antônio Coutinho
Edson Queiroz Neto
Pe. Josafa Moraes
Antônio Rosa
Fernando Di Gênio
Carlos Amaral
Eduardo Boschetti
Beatriz Ivo
Heloisa Helena de M. e Almeida Moreira





Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão

Ed. Via Esplanada • SAF/SUL • Qd. 02 • Bl. D • Sala 101 • Asa Sul • Brasília-DF • CEP: 70070-600

Fone: (61) 2104-4600

www.abert.org.br